

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS**

MANOELA MARTINS DA SILVEIRA

**A APROXIMAÇÃO DOS AUSENTES: AS CARTAS DE SIMONE DE BEAUVOIR**  
**PARA NELSON ALGREN**

JUIZ DE FORA

2014

Manoela Martins da Silveira

**A Aproximação dos Ausentes:** as cartas de Simone de Beauvoir para Nelson Algren

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Márcia de Almeida

Juiz de Fora

2014

MANOELA MARTINS DA SILVEIRA

**A Aproximação dos Ausentes:** as cartas de Simone de Beauvoir para

Nelson Algren

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Examinada por:

---

Presidente, Prof. Doutora Márcia de Almeida

---

Prof. Doutora Jovita Maria Gerhein Noronha – UFJF

---

Profa. Doutora Nancy Rita Ferreira Vieira– UFBA

---

Prof. Doutor Gilvan Procópio Ferreira – UFJF, Suplente

---

Prof. Doutora Maria Andreia de Paula Silva– CES JUIZ DE FORA, Suplente

Juiz de Fora

Setembro - 2014

À Jovita Maria Gerhein Noronha.

## **AGRADECIMENTOS**

A Daniel Moreira pela generosidade e o incentivo para que eu navegasse para além de mim mesma. A Márcia de Almeida, minha orientadora, pela paciência em organizar minhas ideias e me sugerir outras tantas. A Caio Cezar Silveira Almeida, meu filho. A Joseana Marchlewski, a Daiverson Machado e a Sandro Scanapieco Augusto, pela parceria, pela troca tanto afetiva, quanto intelectual.

Adeus, querido, suas últimas cartas me entristeceram porque você me parece tão triste. Eu tenho que me reprovar por temer a tristeza em que fico quando lhe escrevo. Quero suas cartas com um desejo profundo e forte, mesmo que elas me causem pontadas no coração; quero continuar a ser a depositária de seus traumas, dividi-los com você. Escreva, por favor, tanto quanto consiga. Aguardo, sem cessar, um novo encontro. Eu o beijo com todo o meu coração. (Simone de Beauvoir, carta escrita em 17 de janeiro de 1954)

## RESUMO

Neste trabalho, partindo das 304 cartas escritas por Simone de Beauvoir para o escritor americano Nelson Algren, investigamos o aparente hiato que distancia a mulher submissa e dependente, que se declara apaixonadamente para seu interlocutor, da pensadora que se posiciona publicamente em favor das liberdades individuais. Por conta da distância tanto física quanto cultural, no período imediatamente posterior à Segunda Guerra, Beauvoir e Algren se descobriram sobretudo através da troca epistolar. As cartas, então, ocupam o lugar da falta do outro. De modo que, para se revelar e despertar o interesse do amado, a autora utiliza algumas estratégias de convencimento, como, por exemplo, a maneira de se mostrar dependente ou, ainda, o tom altamente passional que perpassa algumas das missivas. Entretanto, a dependência declarada não ultrapassa o plano da escrita para a realidade, já que ela não abandona definitivamente sua vida em Paris para viver em Chicago, se recusando, pois, a encarcerar sua singularidade nos modelos de um casamento tradicional.

**Palavras-chave: cartas, contradição, multiplicidade, transcendência**

### ***ABSTRACT***

In this paper, starting from the 304 letters written by Simone de Beauvoir to the American writer Nelson Algren, we investigate the apparent hiatus distancing the submissive and dependent woman who passionately declares herself to her interlocutor and the thinker who positions herself publicly in favour of individual freedoms. Due to both physical and cultural distance, in the immediate aftermath of World War II, Beauvoir and Algren discovered themselves mainly through exchanging letters. These letters, then, take the place of the absence of the other. So, to reveal herself and arouse the interest of her beloved, the author uses some strategies of persuasion, for example, the way to show dependence or even a highly passionate tone revealed in some of the missives. However, this declared dependence does not exceed from writing to the reality, since she does not definitively abandon her life in Paris to live in Chicago, refusing, therefore, to incarcerate her uniqueness in the models of a traditional marriage.

**Keywords: letters, contradiction, multiplicity, transcendence**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. LAÇOS DE PAPEL E TINTA.....</b>	<b>15</b>
<b>2. AS CARTAS: FRAGMENTOS DE SOLIDÃO.....</b>	<b>38</b>
<b>3. SIMONE DE BEAUVOIR: UMA SINGULARIDADE REPARTIDA ENTRE A IDEOLOGIA E O SENTIMENTO AMOROSO.....</b>	<b>63</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>83</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

Meu interesse pela intelectual Simone de Beauvoir (Paris, 1908 - 1986) surgiu em 2011, no curso de especialização em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. Na adolescência, já havia tomado contato com o ensaio mais famoso da escritora: *O Segundo Sexo*, publicado em 1949. Entretanto, foi a partir de uma das aulas da professora Jovita Maria Gerheim Noronha, em que analisou o conto *A Mulher Desiludida*, que meu interesse foi despertado.

Na ocasião, a professora desmistificou a aura em torno do célebre casal Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre ao revelar a ligação dela com o escritor e jornalista americano Nelson Algren, mais conhecido por ganhar o prêmio *Pulitzer*, em 1950, com a publicação do livro *The man with the gold arm*. A distância física entre os dois autores deu origem, então, a um substancial volume de cartas.

Mergulhei, portanto, na leitura de *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico* (1947-1964). No mesmo momento, assisti ao monólogo *Amar Sem Tempos Mortos*, no qual a atriz Fernanda Montenegro representava trechos dos escritos autobiográficos de Beauvoir, incluindo as cartas para Algren. O espetáculo contribuiu sobremaneira para que minha curiosidade, já aguçada, ganhasse ainda mais força.

Ao mergulhar na voz e na visão de Simone de Beauvoir, me deparo com uma das pensadoras mais vigorosas e lúcidas da segunda metade do século XX. Para além da figura apaixonada pela vida, encontro uma mulher que luta, através de sua escrita e seus atos, para derrubar os interditos que tentavam, no período imediatamente posterior à Segunda Guerra, encarcerar o feminino nos contornos herméticos da subalternidade. Pensei, então, esse trabalho, reconhecendo a força das ideias que ainda reverberam no mundo de hoje, trazendo à baila suas reflexões acerca da condição feminina e da opressão patriarcal.

Na leitura das cartas, percebi, com surpresa, uma aparência de paradoxo, já que, em algumas das missivas, a autora se distancia, largamente, da figura da intelectual defensora da emancipação feminina. De modo que a pensadora dogmática sai de cena para dar vazão, muitas vezes de maneira irônica, à mulher que se compraz na subalternidade ao amado. Nesse ponto, pude perceber que Simone de Beauvoir não se

limita a uma identidade única, mas se revela também como uma mulher sensível, afetiva, com um olhar extremo de compaixão voltado para o humano.

Essa aparente contradição me intrigou sobremaneira, o que me impulsionou a realizar uma pesquisa para a monografia da Especialização. Essa monografia evoluiu para o projeto de Mestrado que desaguou no trabalho ora aqui apresentado. Posso, portanto, dizer que Simone de Beauvoir missivista me trouxe a oportunidade de tomar contato com um rico trabalho de elaboração estética, além de me conduzir a universos ideológicos, a sensações e a visões de mundo distintos e distantes dos meus. O que também me levou ao movimento de ultrapassagem dos meus próprios contornos.

O primeiro encontro entre Simone de Beauvoir e Nelson Algren se dá em 1947 de maneira inesperada. O acaso é, então, o ponto de partida que une a diferença de complexidade entre eles, já que o universo, tanto social quanto cultural, de ambos era, completamente, distinto. Separados pelo oceano, um era estranho para o outro. Esse estranhamento que liga seres de universos díspares é típico do período do pós-Segunda Guerra em que as fronteiras entre culturas distantes se tornavam, cada vez mais, fluidas.

No momento posterior à Segunda Guerra, o avanço nos meios de transporte, sobretudo aéreo, e a aceleração dos meios de comunicação possibilitaram uma maior troca entre as comunidades nacionais. É nessa época, então, que as fronteiras, antes rígidas entre os países e as grandes cidades, foram se tornando porosas, abrindo caminho para o trânsito e o provisório.

Dessa maneira, a proximidade entre os Estados Unidos e a França favoreceu uma maior troca de ideias e, conseqüentemente, provocou a remodelagem de hábitos, relativizando a noção de identidade pura. Assim, a união de culturas une também estruturas e práticas sociais distantes, gerando, portanto, um poder inovador que favorece o reconhecimento da diferença e a possibilidade de elaborar a tensão provocada por ela.

Durante sua vida, Beauvoir manteve o hábito de se corresponder com vários interlocutores, próximos do universo que a circundava. Nelson Algren, todavia, é um destinatário singular, pois não compartilhava uma herança em comum com a intelectual, não havia entre eles pressupostos idênticos, de acordo com o dizer de Sylvie Le Bon de Beauvoir, filha adotiva de Simone de Beauvoir. Muito mais que a diferença de nacionalidades, criando um abismo entre os estereótipos da francesa e do americano, havia entre eles um estranhamento gerando um movimento pendular que ora os atrai, ora os distancia.

Ela se comunicava e escrevia em inglês, mas Algren adiava a possibilidade de aprender o francês, o que dificultava sua inserção no universo da amada. Entretanto, a escrita era a fraternidade que os unia, além da paixão pela Literatura e um olhar muito particular para o que era avesso ao senso comum. Algren, por exemplo, era aficionado pelo submundo de Chicago e buscava inspiração nas prostitutas da cidade, nos drogados, nos mendigos, para criar seus personagens. Enquanto Beauvoir defendia causas polêmicas como o aborto e combatia o antissemitismo numa época em que os ecos do nazismo ainda ressoavam fortemente.

As 304 cartas escritas para Nelson Algren, no período compreendido entre 23 de fevereiro de 1947 e novembro de 1964, tornavam familiar, então, o universo da francesa para seu interlocutor. Entretanto, o leitor não pode ter acesso às cartas enviadas por Algren, já que, judicialmente, foi vetada qualquer possibilidade de publicação da sua contrapartida.

A publicação das cartas escritas por Beauvoir só foi sugerida depois da morte de Algren, em 1981. Na época, o material se encontrava em arquivos públicos e pesquisadores e jornalistas o utilizavam de forma inescrupulosa. Assim, a própria autora decidiu controlar a edição e traduzir suas cartas para o francês. Antes da morte dela, porém, não foi possível concluir o projeto. Dessa maneira, sua filha adotiva tomou para si a responsabilidade de restabelecer a autenticidade do texto. Segundo ela, na tentativa de imprimir uma leitura mais exata, com uma tradução mais confiável, mantendo, dentro do possível, o estilo coloquial da escritora.

Assim, a epistolografia da intelectual foi organizada por Sylvie Le Bon de Beauvoir que acrescenta, na intenção de preencher certas lacunas, algumas informações importantes a respeito das cartas enviadas por Algren. A troca de cartas com o americano é interrompida, definitivamente, em 1964.

Meu objetivo principal, então, tornou-se a análise, nas correspondências, de um eu textual que se mostra passional e, até mesmo, submisso e que se distancia dos posicionamentos defendidos por Simone de Beauvoir tanto em público, quanto na escrita ensaística. A organização dos capítulos da pesquisa, portanto, atuam no sentido de analisar tal problemática.

No primeiro capítulo, procurei alinhar as reflexões que Simone de Beauvoir apresenta nas cartas a alguns dos conceitos que ilustram *O Segundo Sexo*, bem como com algumas das ideias existencialistas. Entre os posicionamentos defendidos pela autora, me detenho especificamente nos pontos que tratam das razões da dependência

feminina, da análise do casamento tradicional burguês e da distinção entre transcendência e imanência. Para finalizar a seção, analiso a distância que separa o público do privado, já que a autora relata o seu caso de amor americano no livro autobiográfico *A Força das Coisas*, motivo pelo qual os dois escritores deixam de se corresponder.

O capítulo seguinte compreende as especificidades do gênero epistolar. A discussão abrange as reflexões de Silviano Santiago que entende que as cartas íntimas se assemelham ao “puxar conversa”, já que têm por objetivo substituir a ausência do outro. Além disso, pretendo mostrar como a correspondência força a reflexão do sujeito que se inscreve no papel, utilizando algumas das ideias do pensador francês Michael Foucault, sobretudo as que defendem que ao se tornar para o outro, o eu retorna para si mesmo. Pretendo também demonstrar o hibridismo de gêneros das cartas e pesquisar a escrita autobiográfica dentro da epistolografia.

No terceiro, investigo o possível abismo que separa a figura da mulher apaixonada, que se declara intimamente nas cartas, da intelectual que se posiciona firmemente a favor das liberdades individuais. Para tanto, recorro às ideias de Roland Barthes presentes em *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Procuo, então, entender as razões que levam a *doxa* a rechaçar, a ridicularizar, a banir o discurso sentimental de tudo o que é considerado interessante. Recorro também, para pensar a aparente contradição da autora, às ideias de Nietzsche que privilegiam a multiplicidade do eu, bem como ao pensamento de Deleuze e Guattari que discute a ideia de rizoma. No caso de Beauvoir, procuro observá-la como uma singularidade rizomática, ou seja, alguém que não se limita aos contornos de uma identidade única e imutável, mas que está sempre disposta a se ultrapassar, assimilando as diferenças.

Ainda no último capítulo, procuro rebater a ideia de que aquele que se declara apaixonadamente, se coloca em posição de fraqueza diante do outro. Baseada, pois, no discurso de George Bataille procuro pensar a sentimentalidade como um modo de transgredir o senso comum que propaga a ideia de que a exposição dos sentimentos se relaciona diretamente com a ideia de fraqueza. Dessa maneira, Beauvoir pode ser considerada como uma mulher que se coloca com toda a sua força diante do interlocutor, o que aumenta sua potência criadora e expande sua capacidade de elaborar esteticamente suas ideias e seus sentimentos.

Procuo demonstrar, nesse trabalho, que, na epistolografia destinada a Algren, o mito Simone de Beauvoir é removido das molduras nas quais a opinião pública a

encarcerou. De modo que a imagem cristalizada da intelectual movida pela soberania do racional em detrimento da emoção é desconstruída. Na escrita das missivas, a autora apresenta uma outra imagem de si mesma, o que a coloca com vigor suficiente para assumir, até mesmo, sua porção mais sentimental.

A edição em português da correspondência é uma tradução da língua inglesa, já que a autora escreveu as cartas no idioma de seu interlocutor, como vimos. Durante a pesquisa, entretanto, usei o material traduzido para o português, não me furtando, pois, a recorrer à edição original quando julguei necessário.

## 1. LAÇOS DE PAPEL E TINTA

Simone de Beauvoir acreditava que todo indivíduo se realiza concretamente através de seus projetos, como uma transcendência que alcança a liberdade pelo constante ultrapassar-se. Para ela, as mulheres, assim como os homens, deveriam se destacar pela singularidade da liberdade autônoma. Desde muito jovem, a escritora sustentava convicções pessoais que se distanciavam largamente do senso-comum e da moral religiosa. Decidiu, portanto, por não se casar, lutou pela independência financeira e, por muito tempo, fez dos hotéis de Paris sua moradia. Publicamente, ficou conhecida pela ligação, atípica para os padrões burgueses da época, com Jean Paul Sartre.

Beauvoir e Sartre se conheceram na Sorbonne enquanto se preparavam para um concurso para professores. Ainda muito jovens, se apaixonaram e firmaram um pacto no qual os pilares seriam a sinceridade e o respeito à liberdade individual do outro. Ambos acreditavam na autonomia do indivíduo e o pacto não incluía o casamento tradicional, nem tampouco filhos. Entretanto, manteriam uma relação de proximidade, de parceria intelectual e companheirismo. Essa parceria pode ser comprovada no modo como as reflexões de Sartre influenciam a obra de Beauvoir e vice-versa. É, por exemplo, de uma conversa com o parceiro, revelada em *A Força das Coisas*, que surge a ideia da composição do ensaio que consagrou, definitivamente, Simone de Beauvoir: *O Segundo Sexo*.

Tive consciência de que uma primeira questão se colocava: o que significava para mim, ser mulher? Primeiro pensei em poder livrar-me disso rápido. Nunca tive sentimento de inferioridade, ninguém me havia dito: “Você pensa assim porque é mulher”; minha feminilidade não me atrapalhava em nada. “Para mim” – disse eu a Sartre – “isso, por assim dizer, não contou” – “De qualquer modo, você não foi criada da mesma maneira que um menino: seria preciso prestar mais atenção a isso.” Eu prestei, e tive uma revelação: este mundo era um mundo masculino, minha infância fora nutrida de mitos forjados pelos homens, e eu não tinha de modo algum reagido a isso do mesmo modo que reagiria se tivesse sido um menino. Fiquei tão interessada, que abandonei o projeto de uma confissão pessoal, para me ocupar da condição feminina em sua generalidade. (BEAUVOIR, 1995, p.92)

No ensaio, Beauvoir propõe que a mulher deveria ter autonomia para escolher seu próprio destino, seja ele qual fosse. O livro começou a ganhar contornos

em 1946, quando a escritora abandona, temporariamente, o projeto de escrever suas memórias pessoais para se dedicar à análise da condição feminina.

Em *O Segundo Sexo* (1949), Simone de Beauvoir analisa, em profundidade, o perfil das mulheres de seu tempo e de épocas anteriores, dialogando com uma estrutura de poder que respaldava a continuidade da submissão feminina. Na ocasião, a intelectual constatou que a passividade estava atrelada à dependência financeira e que a crescente evolução econômica das mulheres da época foi provocando, aos poucos, modificações na estrutura social.

Ao questionar conceitos patriarcais enraizados na cultura ocidental, o ensaio apresenta uma visão de mundo inovadora, uma vez que pretende quebrar conceitos e estabelecer novas atitudes perante problemas antigos. Simone de Beauvoir, portanto, é uma autora que se encontra fora de um cerne esperado, com um olhar avançado a respeito da condição de subalternidade da mulher.

A obra tem um caráter atemporal na medida em que muitas das questões levantadas continuam a permear o universo feminino ainda hoje. De modo que transcende o conceito de obra escrita no passado e pode ser considerado extemporâneo, de acordo com o pensar de Nietzsche, já que se encontra fora de um tempo determinado e se projeta para além da época de sua publicação.

O ensaio gerou grande repercussão. Se, por um lado, escandalizou o público leitor, por outro, contribuiu para despertar o olhar de muitas mulheres para sua condição individual. Na França, o primeiro volume vendeu 22 mil exemplares ainda na primeira semana. Defendido por uns e atacado por outros, o certo é que *O Segundo Sexo* trouxe grande visibilidade para a escritora, transformando-a em mito e confirmando-a como intelectual.

De acordo com Edward Said, uma das tarefas do intelectual é derrubar os estereótipos e as categorizações redutoras que limitam o pensamento humano, buscando sempre uma independência em relação às pressões das instituições de poder (governos, meios de comunicação, corporações). As pressões externas, segundo o pensador, afastam a possibilidade de mudança, por isso o intelectual deve ter a liberdade para refletir por si próprio, mantendo uma postura de oposição e não de acomodação, de modo que é visto como aquele que se situa fora do senso comum, como um marginal, um exilado. Em suas conferências publicadas em *Representações do Intelectual*, Said diz:

A questão central para mim, penso, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. E esse papel encerra uma certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete. (SAID, 2005, p.25)

Simone de Beauvoir, de acordo com o pensar de Said, mesmo décadas após suas publicações, ainda pode ser vista como uma *outsider*, aquela que se recusa a comungar com as ideias da *doxa*, já que, ao questionar os mitos forjados pelo universo masculino, ataca clichês sociais já enraizados na coletividade. Assim, desperta uma outra sensibilidade para a posição subalterna da mulher, reivindicando novos valores que coincidam com o direito de liberdade individual de todo e qualquer sujeito.

De acordo com as análises da autora, o casamento tradicional seria o destino considerado normal para a mulher. No matrimônio, a esposa que, dentro do ambiente doméstico, fica com a responsabilidade de assegurar a permanência dos valores burgueses, abandona o universo exterior, para fazer da casa seu reino de segurança e conforto. O marido é a sua ligação mais direta com o exterior, o que o transforma naquele que resume, para ela, toda a coletividade humana. A mulher, assim, só adquire dignidade se está atrelada a existências que se ultrapassam para a sociedade, ou seja, o marido e, muitas vezes, os filhos. Sendo assim, em *O Segundo Sexo*, a autora enfatiza o casamento tradicional burguês como uma instituição que mantém a mulher como objeto da supremacia masculina, vedando-lhe qualquer forma de caminhar para além de si mesma, impedindo-a de afirmar a si própria.

A ética paternalista e o otimismo burguês prometem à mulher uma felicidade que só pode se realizar no seio da imanência, no conforto da repetição. Então, o casamento tradicional burguês, longe de libertar a mulher, faz dela uma total dependente do marido e dos filhos e é através deles que ela justifica sua existência parasitária. (BEAUVOIR, 1960)

Para Beauvoir, nas relações em que dois indivíduos se juntam por questões sociais, interesses econômicos ou religiosos, muitas vezes, o prazer carnal pode

desaparecer. Nessas uniões em que aparece de um lado a figura do dominador e, do outro, a da dominada, a mulher pode não conseguir se realizar sexualmente.

Mesmo quando o desejo sexual está presente entre os cônjuges, as normas do amor conjugal e as regras de boa conduta da sociedade burguesa exigem que haja uma fidelidade exclusivista entre eles. Entretanto, para a autora, a fidelidade só tem sentido se for espontânea e, se é forçada pela moral social ou religiosa, se dissipa, facilmente, com o hábito, com a rotina. De acordo com o dizer de Beauvoir, cada indivíduo é uma transcendência e a posse dessa transcendência se torna impossível.

Quando os indivíduos não desejam mais se atingir, porque entre eles já não há atração física, o casal torna-se o mesmo um para o outro, a alteridade se perde, já não há mais nenhuma troca ou a vontade de conquistar. Assim, o ato sexual entre os amantes, deixa de ser “uma experiência intersubjetiva em que cada qual se ultrapassa e sim uma espécie de masturbação em comum.” (BEAUVOIR, 1960, p. 192) O outro passa a ser apenas um utensílio sexual necessário à satisfação brutal dos sentidos. E ainda assim, essa reificação do outro não é o bastante para satisfazer a sexualidade.

Beauvoir pondera, em *O Segundo Sexo*, que a relação sexual deveria ser livre, de modo que representasse um papel autônomo na existência humana. Para ela, uma relação ideal seria aquela em que dois sujeitos independentes se juntassem por vontade própria, sem pressões sociais, pois o amor, dessa maneira, não pode se concretizar através do peso de uma instituição que confina o indivíduo na imanência. Para que o amor seja verdadeiro é necessário que seja livre. Em um ambiente em que há esforço para que o casal se complemente mutuamente, não pode existir amor, mas sim a mutilação de um e de outro.

Em *O Segundo Sexo*, Beauvoir constata que no casamento tradicional:

Assume-se o corpo, o passado, a situação presente: mas o amor é movimento pra um outro, para uma existência separada da própria, para um fim, um futuro, a maneira de assumir um fardo, não consiste em amá-lo e sim em se revoltar. Essa mistura complexa de apego, rancor, ódio, normas, resignação, preguiça, hipocrisia que se chama amor conjugal, só o pretendem respeitar porque serve de álabe. (BEAUVOIR, 1960, p. 234)

A estrutura imposta pelo amor conjugal, de acordo com as observações da intelectual, pode levar o casal à mentira, ao recalque, porque impede que o homem e a

mulher se conheçam verdadeiramente. A intimidade rotineira não cria compreensão ou simpatia, mas estagnação. Para que fosse possível uma união realmente feliz, Beauvoir afirma que seria necessário que cada indivíduo exercesse de fato sua individualidade, que pudesse se transcender sem amarras, o que permitiria criar laços que se fundamentariam no respeito de duas liberdades autônomas. De fato, Beauvoir afirma que:

Liberdade não quer dizer capricho: um sentimento é um compromisso que ultrapassa o instante, mas só ao indivíduo cabe confrontar sua vontade geral de modo a manter sua decisão ou, ao contrário, quebrá-la; o sentimento é livre quando não depende de nenhuma palavra de ordem exterior, quando é vivido sem medo em uma sinceridade. (BEAUVOIR, 1960, p. 234)

As convicções da autora dão a dimensão de seus próprios relacionamentos afetivos e explicam sua recusa frente ao casamento convencional. Seus estudos demonstram que, na configuração tradicional do casamento, o marido desempenha o papel de mentor e chefe, detendo um prestígio viril, uma superioridade moral e intelectual com relação à mulher. Encontra, portanto, na esposa, um duplo que confirma a si próprio, nem mesmo o nome pertence à mulher que é a metade do casal. De modo que o cônjuge pretende fixá-la na imanência, como uma facticidade, isto é, justificando a subalternidade feminina como um destino natural. Simone de Beauvoir descreve assim o conflito que se coloca para a mulher: reivindicar sua transcendência como sujeito ou, ao contrário, ver-se reduzida à imanência, aceitando a condição passiva que lhe é imposta.

A autora sustenta que, no momento em que os seres humanos se constituem como sujeitos, em geral, apenas uma parte deles (os homens) consegue fazê-lo com reconhecimento pleno, agindo ativamente no universo social que os circunda. Essa limitação se configura através de uma construção social, já que “tornar-se mulher”, de acordo com os padrões da *doxa*, implica num conjunto de prescrições que limitam e recortam a possibilidade feminina de constituir-se como sujeito autônomo e conseguir, enquanto tal, sua transcendência.

Poucas eram as mulheres que, na época de Beauvoir, conseguiam ultrapassar o sistema que privilegiava o domínio patriarcal e esse “tornar-se mulher” é um

aprendizado que começa ainda na infância. De fato, a menina, segundo Beauvoir, é criada como uma boneca viva e a liberdade no agir lhe é vetada. A disparidade entre as brincadeiras ditas masculinas e femininas é um bom exemplo disso. Aos meninos é permitido e incentivado que subam em árvores, que pratiquem jogos violentos, que desafiem outros meninos em competições ao ar livre. Num movimento oposto, a menina fica relegada às brincadeiras domésticas, porque na medida em que quanto menos compreender o mundo, menos ousará a se arriscar como sujeito autônomo. No ensaio de 1949, a escritora afirma:

A imensa possibilidade do menino está em sua maneira de existir para outrem, encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudezas e em independência com os outros meninos, despreza as meninas (...) Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e um “ser outro”, ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. (BEAUVOIR, 1960, p.22)

Para explicar as razões da dependência feminina, Beauvoir tenta desmistificar a ideia de que a mulher é mais frágil que o homem. Ela parte do princípio de que a fragilidade da mulher é construída socialmente, uma vez que as diferenças de força física entre o indivíduo masculino e o feminino não é motivo suficiente para explicar a ideia da subalternidade da mulher. Em *O Segundo Sexo*, ela afirma que a passividade é uma característica da mulher considerada “feminina”, um dado que é estimulado nela desde a primeira infância. De maneira que não é um dado biológico, mas um destino que lhe é imposto.

*O Segundo Sexo* foi elaborado ao mesmo tempo em que Beauvoir se dedicava à escrita de cartas para Nelson Algren. De modo que, na leitura das missivas da escritora, podemos perceber a gênese da obra que lhe trouxe notoriedade e contribuiu para modificar, em parte, a estrutura do pensamento patriarcal. Animada com o resultado do árduo trabalho, escreve em 21 de dezembro de 1948:

Meu ensaio se chamará *O Segundo Sexo*. Em francês soa bem, porque sempre chamam os homossexuais de “terceiro sexo”, sem mencionar que as mulheres vêm em segundo plano, e não

simplesmente em igualdade com os homens, a hierarquia fica subentendida. Que grande livro será este! Cheio de histórias divertidas. (BEAUVOIR, 2000, p.238)

Quando Simone de Beauvoir conhece Nelson Algren, as ideias defendidas pelos existencialistas ainda eram novas na França e começavam a ser divulgadas também nos Estados Unidos. Nessa época, os intelectuais franceses, sobretudo Sartre, conquistavam grande notoriedade no Ocidente por proporem maneiras diferentes de interpretar e sentir a época em que viviam. Em *A Força das Coisas*, a autora diz que os pequenos-burgueses, por terem perdido a fé na paz eterna, necessitavam de uma ideologia que explicasse um mundo novo que se descortinava, sem, no entanto, abandonar as suas antigas convicções. A esse respeito, Beauvoir reflete, pois, do seguinte modo:

O Existencialismo, esforçando-se por conciliar história e moral, autorizava-os a assumir sua condição transitória, sem renunciar a um certo absoluto, a enfrentar o horror e o absurdo, conservando ao mesmo tempo sua dignidade de homem, e a preservar sua singularidade. Parecia fornecer-lhes a solução sonhada. (BEAUVOIR, 1995, p.43)

O Existencialismo é um dos principais movimentos filosóficos do século XX e pode ser entendido tanto como movimento intelectual, marcado pelas consequências da Segunda Guerra, quanto um modo de vida ou um estilo literário. Inaugura, pois, diferentes estilos de escrita, assim como formas peculiares de comunicação e de inserção na sociedade.

Em *O Ser e o Nada* (1943), tratado filosófico que marca o nascimento do Existencialismo, Sartre apresenta o amor como assimilação da liberdade do outro. O autor pensa, então, que quando o sujeito apaixonado pretende se realizar em unidade com o par, almeja incorporar em si mesmo a alteridade do companheiro. Todavia, o outro não é um objeto, mas sim uma liberdade. Eis, então, o paradoxo: o amante quer ser amado por uma liberdade e exige que essa liberdade não seja mais livre, como explica a seguir:

O homem que quer ser amado não deseja realmente a escravização da amada. A total escravização da amada mata o amor do amante. Se a amada se transforma num autômato, o amante reencontra-se a si mesmo sozinho. Por isso, o amante não deseja possuir a amada como se possui um carro. Ele exige um tipo especial de apropriação. Ele quer possuir uma liberdade, enquanto liberdade, ele quer ser amado por uma liberdade, mas exige que esta liberdade deixe de ser livre. (SARTRE, 1997, p.457)

Para Sartre, a noção de “propriedade” pela qual tão comumente se explica o amor não é de fato primordial na relação amorosa. Para ele, é da liberdade do outro que há o desejo de se apoderar para, então, modificá-la. O amante “não quer agir sobre a liberdade do Outro, mas existir a *priori* como limite objetivo dessa liberdade, ou seja, surgir ao mesmo tempo com ela e no seu próprio surgimento como o limite que ela deve aceitar para ser livre” (SARTRE, 1997, p. 459) Então, o autor reflete que, na relação amorosa ideal, deveria haver reciprocidade quando dois sujeitos livres e iguais reforçam mutuamente suas identidades.

Nas cartas, podemos observar que Simone de Beauvoir mostra a Algren formas peculiares, sobretudo para uma mulher da época, de interpretar e sentir o mundo, largamente inspirados pelo pensamento existencialista. O respeito à liberdade do parceiro é um exemplo disso, como podemos observar no fragmento a seguir: “Você não tem de viver como um monge, pois você não é um monge, pelo que o felicito. Não torne a sua vida sombria demais, querido, não gostaria de privá-lo de nada. Permita-se um pouco de pôquer, um pouco de mulheres, não há mal algum.” (BEAUVOIR, 2000, p.131)

A autora sentia na própria pele a angústia e a solidão provocadas pela distância. Portanto, não exigia que o parceiro lhe fosse fiel, já que não desejava que ele se ausentasse dos prazeres da vida. De modo que, em várias das correspondências, podemos notar que Beauvoir tenta convencer seu interlocutor a continuar vivendo com liberdade para também experienciar amores contingentes.

Apesar da ideia de respeito à liberdade de escolha do outro, quando Simone de Beauvoir se liga a Algren, o pacto firmado, anteriormente, entre ela e Sartre é, em parte, abalado. O triângulo amoroso se torna, de fato, uma estrutura geradora de angústias, já que o pacto firmado entre a autora e Algren estava inserido num outro pacto, firmado anteriormente, com Sartre.

O caso de amor americano deixa de ser ocasional e efêmero para dar lugar a uma relação consolidada, sobretudo a partir da troca de cartas. Em missiva escrita em 06 de dezembro de 1951, a escritora revela ao seu amado americano: “Jamais quis dizer uma palavra a respeito, mas posso assegurar-lhe que o nosso romance não fez bem à minha relação com Sartre” (BEAUVOIR, 2000, p.435)

O problema foi que, ao firmar um acordo em que a experiência com “amores contingentes” seria permitida, Beauvoir e Sartre pensaram apenas em si mesmos, não previram qual seria a reação do terceiro lado do triângulo. Além dos casos que Beauvoir mantinha com outros pares, Sartre também vivenciou experiências contingentes. É o que a escritora revela em *A Força das Coisas*, na parte do livro dedicada a narrar a relação com Algren.

Sartre e eu havíamos sido mais ambiciosos; tínhamos desejado conhecer “amores contingentes”; mas há uma questão da qual nos havíamos levemente esquivado: como o terceiro se acomodaria ao nosso arranjo? (...) Esse defeito do nosso sistema se manifestou com particular acuidade durante o período que estou narrando. (BEAUVOIR, 1995, p.117)

O erro consistia em não considerar a possibilidade de o outro representar um risco, um perigo à harmonia do casal. No caso de Algren, a relação que, a princípio, estava destinada à fugacidade foi ganhando status de permanência.

De acordo com o pensamento de Sartre fundamentado em *O Ser e o Nada*, quando os amantes são vistos juntos por um terceiro, isso é o bastante para que ocorra uma crise entre eles, já que cada um experimenta a transformação de si e do outro em objeto. O outro, dessa forma, passa a deixar de ser uma transcendência absoluta e se torna uma “transcendência transcendida”.

Para Sartre, na relação amorosa, a estrutura do triângulo se constituía numa composição infernal. A respeito disso, Beauvoir reflete: “O empreendimento tem seus riscos: pode ser que um dos parceiros prefira suas novas ligações às antigas, julgando-se o outro, então, injustamente traído; em vez de duas pessoas livres, enfrentam-se uma vítima e um carrasco.” (BEAUVOIR, 1995, p.17)

Entretanto, o triângulo se mantinha unido por razões distintas. Com Sartre, Beauvoir vivia um amor necessário: enraizado em questões ideológicas, mas com a liberdade resguardada para experimentar amores contingentes. Em contrapartida, com o

escritor americano, experienciava um amor contingente, destinado, *a priori*, à imprevisibilidade, à aventura do desconhecido. Apesar das reiteradas explicações de Beauvoir, como na carta abaixo do dia 18 de fevereiro de 1948, Algren não conseguia compreender o arranjo afetivo e intelectual firmado entre a amada e Sartre.

Sabe, eu não compartilharia a vida dele por tanto tempo unicamente pelo prazer da sua inteligência e de seu talento; sou ligada a ele porque é diferente, o que você aprecia tanto quanto eu. Você me confiou uma vez que não gosta de pensar que eu “pertencia espiritualmente” a alguém. Não se trata de “pertencer”. Em grande parte, o que eu sou atualmente foi ele que me permitiu sê-lo. Certamente eu também o ajudei a ser o que é. (BEAUVOIR, 2000, p.159)

Além do mais, as idas da escritora aos Estados Unidos sempre estavam condicionadas aos compromissos amorosos ou intelectuais de Sartre. Ainda assim, nas cartas, ela se justifica para Algren do seguinte modo:

Mas o que você precisa saber, por mais pretensioso que possa parecer de minha parte, é o quanto Sartre precisa de mim. Externamente, ele é muito isolado, interiormente muito atormentado, muito perturbado e eu sou a única amiga verdadeira, a única que o compreende realmente, trabalha com ele, lhe traz paz e equilíbrio. Há quase vinte anos, ele fez tudo por mim, me ajudou a viver, a me encontrar comigo mesma, e sacrificou por mim uma série de coisas. Agora, há quatro ou cinco anos, chegou o momento de eu estar em condições de retribuir tudo o que ele fez por mim, quando, de minha parte, posso ajudá-lo, a ele, que me ajudou tanto. (BEAUVOIR, 2000, p.190)

Beauvoir tinha plena consciência de que não seria capaz de entregar os rumos de sua vida, exclusivamente, nas mãos de Algren, assim como fazia a maioria das mulheres num casamento tradicional. Apesar do sentimento amoroso que nutria por ele, a escritora não estava disposta a abandonar seu trabalho, seu país, nem tampouco Sartre. Em carta, altamente reflexiva, escrita no dia 23 de julho de 1947, Beauvoir questiona se é merecedora do amor que Algren lhe dedica, se ela mesma não pode se doar completamente a ele: “Se estou perturbada há dois meses, é porque uma dessas questões

obceca o meu coração e me faz sofrer: é justo dar uma parte de si, sem estar pronto a dar tudo?” (BEAUVOIR, 2000, p.47)

De acordo com nota explicativa introduzida por Sylvie Le Bon de Beauvoir, no livro *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico (1947-1964)*, é possível saber que o americano responde a essa carta confessando que pensava em pedir Beauvoir em casamento, quando ela retornasse aos Estados Unidos. Entretanto, tinha consciência de que o matrimônio implicaria, para ambos, na renúncia ao universo que lhes era vital. Assim como Paris alimentava a alma da francesa, Chicago era moldura para a literatura de Algren. Tanto que o escritor reflete que seria um “suicídio espiritual” condenar um ou outro ao exílio, mas confessa que se sentia casado com ela como jamais se sentira antes com sua ex-mulher. Assim, se sentia gratificado por dividir com ela uma união não convencional, sem drama, sem *pathos*. É importante salientar que ambos chamam de exílio o abandono de Chicago por Paris e vice-versa.

A partir dessa resposta, Beauvoir passa a chamar Algren com vocativos, imbuídos de grande afetuosidade, que remetem a esse amor livre de convenções sociais. A linguagem é estrategicamente trabalhada para seduzir seu interlocutor e, nas cartas, é notável o uso dos seguintes vocativos: “marido sem casamento” (entre eles, o mais recorrente), “meu querido marido da primavera”, “marido meu”, “marido querido”, “marido bem amado”. De modo que, quando abandona a moradia em hotéis e passa a ter uma residência fixa, a autora ironiza em carta escrita em 01 de novembro de 1948: “Vida difícil a de uma mulher sozinha, eu precisaria de um gentil marido dono-de-casa para me abrir as latas de conserva.” (BEAUVOIR, 2000, p.220)

De fato, a ligação entre Beauvoir e Algren fugia, completamente, aos padrões de comportamento da época. Apesar da distância e de se encontrarem apenas eventualmente, a relação durou 17 anos e abalou as convicções da intelectual, fazendo com que ela perdesse, até mesmo, a certeza de si. Por conta desse relacionamento atípico, Beauvoir se vê dividida entre manter suas convicções a respeito da decisão de não se casar e ir viver com o amado nos Estados Unidos. Como veremos mais detalhadamente no decorrer deste trabalho, a autora opta, não sem angústias, por continuar a viver em Paris.

Assim como ela apelida o amado de “marido sem casamento”, Algren a chama de “esposa estranha”, o que Beauvoir rebate em fragmento de carta a seguir: “Você disse, uma vez, que eu era uma esposa estranha, ausente por tanto tempo, dando tão pouco de si e, veja, penso que sou uma esposa estranha por dar tanto de mim, porque

vivo tão unida a você, tão próxima que você nem me percebe.” (BEAUVOIR, 2000, p. 180)

A princípio, Algren parece aceitar as razões que fazem com que Beauvoir recuse o casamento. Todavia, à medida que o tempo passa, ele retoma a ideia e volta a propor a união. O americano se justifica, queixando-se de solidão intelectual: ansiava pela estabilidade e o conforto do casamento, querendo ter a amada sempre por perto. A partir de trechos das cartas de Algren, publicados em *A Força das Coisas*, é possível tomar conhecimento do descontentamento do escritor.

Levo uma vida estéril, centrada exclusivamente em mim mesmo: não me acomodo de modo algum. Estou preso aqui porque, como lhe disse e você compreendeu, meu trabalho é escrever sobre essa cidade, e só posso fazer isso aqui. Inútil retornar a tudo isso. Mas não tenho quase ninguém com quem falar. Em outras palavras, estou preso em minha própria armadilha. Sem desejá-lo claramente, escolhi a vida que convinha melhor ao gênero de literatura que sou capaz de fazer. (...) Entretanto, minha vida pessoal está sacrificada com isso. (BEAUVOIR, 1995, p.152)

Em carta escrita no dia 22 de dezembro de 1947, a autora, em consonância com as ideias publicadas em *O Segundo Sexo*, justifica para o amado a origem das suas recusas em casar-se. “Penso sinceramente que o casamento é uma instituição decadente e que, quando se ama um homem, não é preciso estragar tudo, casando-se com ele.” (BEAUVOIR, 2000, p.120)

No ano seguinte, mais uma vez, ela tenta se explicar para Algren. A carta a seguir foi escrita em 03 de dezembro de 1948:

Posso muito bem entender sua necessidade de ter uma mulher só sua, você a merece, uma mulher que não abandonasse seu próprio destino para tomá-lo como marido. Você seria um destino muito belo para uma mulher, eu mesma teria de bom grado escolhido este destino, se as circunstâncias não me proibissem. (BEAUVOIR, 2000, p.231)

Simone de Beauvoir estava completamente enraizada em Paris. As suas constantes circulações por culturas distintas não são o bastante para se fixar na terra do outro. Apesar de a América fascinar a autora, longe de Paris se sente deslocada de tal

modo que confessa ao amado: “Em Chicago, em Nova York, me senti perdida, fora de mim - aqui, eu sou eu, novamente eu, o eu não chega a representar muita coisa neste vasto mundo, é verdade, mas parece um certo conforto.”<sup>1</sup> (BEAUVOIR, 2000, p.358) Embora viaje pelo mundo, com um olhar desperto para aquilo que lhe era desconhecido, permanece sempre um sentimento de pertencimento à França. É o que explica na seguinte correspondência:

Nelson, eu lhe explicarei melhor as coisas um dia, mas saiba que não é por prazer nem por charme ou por nada desse gênero que preciso ficar aqui. Simplesmente eu não posso fazer de outro modo. Acredite-me, eu lhe imploro, eu lhe imploro. Eu me explicarei esta noite, acredite em mim, palavra de honra. Se por acaso eu pudesse ficar com você, oh! Deus, eu o faria. (BEAUVOIR, 2001, p.185)

Nelson Algren tinha consciência de que Simone de Beauvoir não conseguiria viver exilada em Chicago, do mesmo modo que ele, tampouco, poderia viver, permanentemente, em Paris. Também Beauvoir mostra-se convencida disso quando afirma:

Mesmo que Sartre não tivesse existido, eu não teria me fixado em Chicago: ou, se tivesse tentado, certamente não teria suportado por mais de um ou dois anos um exílio que arruinava minhas razões e minhas possibilidades de escrever. Por sua vez, Algren, embora eu lhe tenha muitas vezes sugerido, não podia instalar-se em Paris, nem mesmo por um semestre; para escrever, precisava estar enraizado em seu país, em sua cidade, no ambiente que criara para si: tínhamos nossas vidas feitas, e estava fora de cogitação transportá-las para outro lugar. Entretanto, nossos sentimentos eram, para ambos, algo bem diferente de um divertimento, ou mesmo de uma evasão; cada qual lamentava amargamente que o outro se recusasse a ficar perto de si. (BEAUVOIR, 1995, p. 147)

Para Edward Said, a cuja obra voltamos, o exílio é “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada.” (SAID, 2003, p.46) O exílio é, portanto, uma forma de negar a identidade ao sujeito, uma perda terminal, uma mutilação daquele que sofre com

---

<sup>1</sup> Carta enviada em 04 de outubro de 1950.

a angústia de estar destituído de sua pátria. Embora toda pessoa impedida de voltar para casa seja um exilado, Said faz distinção entre a posição do exilado e do expatriado. Para ele, o exílio tem suas origens na antiga prática de banimento e, desde sempre, o exilado é estigmatizado como forasteiro. Já os expatriados são aqueles que vão morar, voluntariamente, em outro país, por motivos pessoais ou sociais. Trata-se de uma situação um tanto quanto ambígua, porque, apesar de não sofrerem com a rígida interdição de retornar para a pátria de origem, os expatriados sofrem com a mesma solidão e alienação de um exilado. Na verdade, se Beauvoir decidisse se fixar em Chicago por conta do amor a Algren, seria uma expatriada, não uma exilada, mas a escolha do termo “exílio” dá ênfase à postura que representaria para ambos o abandono da terra natal. Então, a autora escolhe permanecer em Paris, demonstrando grande preocupação com o destino político, econômico, cultural e social da França.

Simone de Beauvoir adquire maior consciência de que deveria se voltar para a coletividade depois dos percalços sofridos durante a Segunda Guerra, como narrado em *A Força das Coisas*. Tanto que, quando decide publicar suas memórias, admite que sua vida não se limitava a uma história que interessava apenas a si mesma, mas era um compromisso entre ela e o mundo. De qualquer maneira, quando os assuntos íntimos são publicados, a verdade que o sujeito pretende enunciar não pertence à coletividade, mas sim ao olhar individual, quase secreto, lançado sobre os acontecimentos e as pessoas. Recaptura, assim, uma experiência que não se reduz à esfera do individual, mas que também se insere numa trama de relações tanto pessoais, quanto políticas.

Em *A Força das Coisas*(1963), Beauvoir narra as experiências vivenciadas no período compreendido entre 1945 e 1948. Relata, pois, a euforia dos franceses após a Segunda Guerra e a grande desilusão do momento seguinte. Ao mesmo tempo, revela alguns pormenores de seu relacionamento com Nelson Algren e, até mesmo, publica fragmentos de cartas enviadas por ele. Todavia, ainda na elaboração do livro, a autora anuncia, em carta do dia 05 de março de 1951, o empenho na escrita da obra em que o amado seria um dos personagens principais. Assim, justifica as razões que a levou a expor seu caso de amor americano:

No meio disso tudo, tento dizer algo de nossa história: 1) porque este amor entre Paris e Chicago me surge como típico de nosso tempo, esse tempo em que os aviões aproximam as cidades da terra, mantendo as suas distâncias, etc. 2) especialmente porque gosto de me lembrar de coisas, no papel (...) e quando me recordo das coisas

elas se tornam reais, autênticas – e isso me entristece. (BEAUVOIR, 2000, p.399)

Mesmo tendo sido avisado de antemão, Algren reage negativamente à edição americana do livro. Sentindo-se invadido, faz declarações públicas de repúdio. Depois desse episódio, as cartas trocadas entre o casal vão se tornando escassas e essa desavença é o motivo central para que rompam de fato. Podemos pensar, então, que a escrita autobiográfica habita um espaço de tensões. A intimidade exposta perpassa não só aspectos do cotidiano daquele que se escreve, mas também invade a privacidade de outros atores que participam da narrativa.

Em *Os Mandarins* (1956), obra com a qual ganha o prêmio *Goncourt*, Beauvoir já havia refletido a respeito da natureza de seu amor por Algren, embora o tivesse feito através da ficção. Em *A Força das Coisas*, porém, retoma a mesma questão, que julgava já haver sido anteriormente resolvida: “entre a liberdade e a fidelidade há reconciliação possível e a que preço?” (BEAUVOIR, 1995, p. 117)

Porém, diferente da ficção, na autobiografia, Beauvoir tem a oportunidade de refletir e elucidar, mais claramente, para o grande público de que maneira o amor por Algren afetou, seja seu relacionamento com Sartre, seja suas convicções pessoais. Então, leva a conhecimento de seus leitores alguns detalhes de sua intimidade. Um exemplo disso é o fragmento a seguir em que narra uma de suas viagens aos E.U.A:

Certa noite, jantamos numa taberna ao ar livre, no meio do Central Park, paramos para ouvir jazz no Café Society, e ele se mostrou particularmente desagradável: “Posso ir embora amanhã mesmo” \_ eu disse; trocamos algumas réplicas, e ele me disse, impulsivamente: “Estou pronto a me casar com você, agora mesmo.” Compreendi que nunca mais lhe teria rancor pelo que quer que fosse: toda a culpa estava do meu lado. Deixei-o no dia 14 de julho, sem ter certeza de voltar a vê-lo. Que pesadelo aquela volta, por cima do oceano, mergulhada numa noite sem começo nem fim, entupindo-me de sonífero, incapaz de dormir, perdida, perdidamente apaixonada! (BEAUVOIR, 1995, P.147)

Como no exemplo acima, na exposição do privado, podemos perceber uma transgressão, na medida em que a autora revela para o grande público o que deveria pertencer somente ao espaço do íntimo. Dessa maneira, a parede que protege a

intimidade do indivíduo do olhar dos outros é derrubada. Isso permite que o leitor desvende, em parte, o eu profundo de Beauvoir, porque ela expõe também seus sentimentos e não apenas seu trabalho intelectual.

De acordo com o dizer de Silviano Santiago (2006): “Ao almejar a imortalidade, o artista habita uma casa de vidro” (p.63). Simone de Beauvoir era muito conhecida no Ocidente, tanto que seus posicionamentos e seu estilo de vida singulares despertavam grande curiosidade. Por conta disso, diversos boatos a seu respeito foram disseminados entre a opinião pública. A própria autora declara que um dos motivos pelos quais escreveu *A Força das Coisas* foi a intenção de desmistificar certas opiniões, como podemos comprovar no seguinte fragmento:

Não queria dever meus êxitos a intervenções exteriores, mas pura e simplesmente ao meu trabalho. E sabia que, quanto mais a imprensa falasse de mim, mais eu seria desfigurada: escrevi estas memórias em grande parte para restabelecer a verdade, e muitos leitores me disseram que na verdade tinham antes as ideias mais falsas sobre mim. (BEAUVOIR, 1995, p.562)

Por outro lado, podemos pensar que, na autobiografia, nem tudo é dito de fato. O escritor, que pode ser visto como historiador de seus próprios testemunhos, pode silenciar aspectos de sua experiência pessoal, mesmo porque a memória não é capaz de se recordar de todo o vivido. Assim nos sugere Gerárd Vincent no volume IV de *História da Vida Privada*:

Alguém já ousou escrever sua vida privada sem nada silenciar, sem exibicionismos? Sem recuar diante das confissões que envolvem terceiros, sob o risco de represálias? Ninguém, cremos nós. Pois o indizível não é apenas o que o código social condena ao silêncio. Ele procede também do ato de escrever, “tradução” aproximativa, empobrecedora da “vida interior”. (VINCENT, 1994, p.162)

Ainda assim, esses silêncios da memória não impedem que a “vida privada privada” se mascare por detrás da “vida privada pública”. Simone de Beauvoir também reflete a esse respeito quando admite: “Um defeito dos diários íntimos e das

autobiografias é que, em geral, o que “é óbvio” não é dito, e perde-se o essencial. Também eu caio nesse erro.” (BEAUVOIR, 1995, p.242)

Irene Frain, escritora francesa, revela, na biografia romanceada *Beauvoir Apaixonada*, a importância do anel que Algren deu a amada, detalhe que não foi notado pelo público leitor. O anel, no casamento tradicional, é a representação da união entre duas pessoas, um símbolo que revela, socialmente, que o indivíduo está ligado à alguém. No caso dessa união que fugia dos padrões convencionais, o anel depositava um significado mais íntimo. Desde que recebeu o presente, a autora não o tirou mais do dedo e foi enterrada com ele. Eis o que diz Frain (2013):

Enquanto viveu, apenas os íntimos de Simone souberam ou deduziram o que a fazia tão ligada ao anel. Todos os outros, a começar pelos jornalistas, viram não mais que uma entre outras de suas originalidades, um detalhe singular que combinava perfeitamente com suas peculiaridades de vestuário, suas blusas mexicanas, o broche de Calder ou o turbante que acabou por substituir o coque ao longo dos anos. Nenhum fotógrafo prestou atenção, nenhum cinegrafista tampouco, quando ela consentiu em ser filmada. Nenhum zoom; o anel permaneceu em segredo. Apenas uma vez confiou, agitada, a uma biógrafa que o notara: “É o anel que Nelson me deu. Apesar de tudo, nunca o tirei do dedo. E nunca vou tirá-lo.” ( p.160)

De fato, em *A Força das Coisas*, o anel não é sequer mencionado. Porém, nas correspondências, Beauvoir revela, intimamente, para o amado, toda a importância que deu ao presente, como podemos notar em carta escrita no dia 13 de julho de 1947:

Há quase dois meses que nos deixamos e não esqueci nada de você, e você nunca me pareceu tão próximo. Seu anel me acompanha a todos os lugares, ele se enche de sabão quando me lavo, de areia nas praias de Córsega, pegará um pouco de poeira londrina e, desse modo, você estará misturado a toda a minha vida. (BEAUVOIR, 2000, p.43)

No caso das cartas, o leitor tem a ideia de se ter acesso a informações mais privilegiadas, já que, a princípio, não foram escritas para publicação. Podemos observar, comparando a correspondência de Beauvoir para Algren e a obra *A Força das Coisas*,

que o tom do discurso percebido nas cartas é, de fato, diferente do encontrado na autobiografia.

Na autobiografia, a consciência de que seria lida por muitos faz com que a autora recorra a uma linguagem mais contida, contrastando com as cartas, escritas no calor da intimidade, para apenas um destinatário. Na carta a seguir, Beauvoir relembra os primeiros momentos com o amado. Confessa, pois, os sentimentos que surgiram quando ainda estavam se conhecendo:

Cheguei a Chicago esgotada pelas discussões, extenuada por toda essa espécie de vida abstrata que eu conhecera em Nova York e desejando me sentir apenas uma mulher no coração de um “cara legal”. Senti que, a seus olhos precisamente, eu era uma mulher, e isso me agradou, porque você me agradava. Mas o que aconteceria exatamente? (...) Foi apenas no dia seguinte que verdadeiramente conheci você: de início o modo como você me amava, e depois eu o amei *tout court*. Agora, tenho a impressão de que o conheço há muito tempo, que fomos amigos durante toda a nossa vida, embora nosso coração seja tão novo. (BEAUVOIR, 2000, p.37)

Quando Beauvoir expõe seu relacionamento com Algren para o público em *A Força das Coisas*, não revela tão explicitamente seus sentimentos. Contudo, mesmo se valendo de um tom mais contido, na escrita autobiográfica, a autora igualmente se arrisca, porque o eu está desprotegido. O risco que corre é moral, já que, ao se desnudar, se expõe ao julgamento do leitor que, farejando verdades talvez embaraçosas a respeito de uma escritora consagrada, pode absolvê-la ou condená-la. A exposição da intimidade, então, incorre em perigo direto para aquele que encara a própria condição de frente, “agarrando-a pelo chifre”, expressão cujo uso explicaremos a seguir.

Em “Da Literatura como Tauromaquia”, o escritor e etnógrafo francês Michel Leiris, em prefácio à autobiografia *A Idade Viril*, aproxima a figura do escritor confessional à imagem do toureiro: “O matador que corre perigo em nome da oportunidade de ser mais brilhante que nunca, e mostra toda a qualidade do seu estilo no instante em que é mais ameaçado.” (LEIRIS, 2003, p.17). Assim como o toureiro, que representa uma tragédia real, colocando à prova sua técnica perante a imprevisibilidade do touro, Simone de Beauvoir também se dispõe a correr riscos. Eis a definição do que Leiris chamou de “regra tauromática”:

A regra tauromáquica persegue um objetivo essencial: além de obrigar o homem colocar-se seriamente em perigo (embora armando-se de uma indispensável técnica), a não subestimar, não importa como seu adversário, ela impede que o combate seja uma simples carnificina; tão minuciosa, quanto um ritual, ela apresenta um aspecto tático (por o animal em estado de receber a estocada, sem tê-lo fatigado mais que o necessário), mas também um aspecto estético (...), tudo concorre, em suma, para marcar o confronto do touro e do toureiro em um caráter escultural. (LEIRIS, 2003, p.23).

Simone de Beauvoir, ao contar para seus leitores momentos íntimos da experiência pessoal em *A Força das Coisas*, revela também suas fragilidades humanas. E, nesse momento, se torna ainda mais brilhante, porque, através de toda sua habilidade de manipular as palavras, se recria e se reinventa. Então, a autora, ao se doar como matéria de livro, tem a possibilidade de elucidar certas passagens obscuras, uma maneira, pois, de tomar consciência do que vivenciou no período posterior à Segunda Guerra em que, como vimos anteriormente, conhece Algren.

Ao contar sua intimidade, tanto na correspondência enviada a Algren quanto na autobiografia, Beauvoir reparte sua singularidade com aquele que a lê. E, nesse mesmo movimento, convida o outro a se reconhecer em seus escritos. Quando a obra transita da esfera do privado para a apreciação pública, o leitor passa a ser uma pessoa real, por quem a autora deseja ser lida. Dessa maneira, o pensamento ganha vida própria, assim como reflete o filósofo Arthur Schopenhauer:

Logo que um pensamento encontrou palavras, ele já deixa de ser algo íntimo, algo sério no nível mais profundo. Quando ele começa a existir para os outros, para de viver em nós, da mesma maneira que o filho se separa da mãe quando passa a ter sua existência própria. (SCHOPENHAUER, 2008, p.67)

Quando observamos que o eu de uma singularidade está em sintonia com o coletivo, o relato autobiográfico pode ser compreendido como a maneira que o sujeito se lê no livro do mundo. De modo que Beauvoir ao se contar, além de afirmar suas ideias, volta seu olhar para o passado, no intuito de refletir e tentar liquidar questões que outrora a angustiavam. A autora acredita, pois, que “somos marcados pelo passado, mas não determinados por ele”. (BEAUVOIR, 1995, p.354) Por isso, podemos associá-la a

um grupo de indivíduos peculiares que Friedrich Nietzsche chama de *homens históricos*:

Estes homens históricos acreditam que o sentido da existência se iluminará no decorrer de um processo. Assim, apenas por isto, eles só olham para trás a fim de, em meio à consideração do processo até aqui, compreender o presente e aprender a desejar o futuro impetuosamente; eles não sabem o quão a-historicamente eles pensam e agem apesar de toda a sua história, e como mesmo a sua ocupação com a história não se encontra a serviço do conhecimento puro, mas sim da vida. (NIETZSCHE, 2003, p.14)

No sentido nietzschiano, a memória, então, atua como aprendizado da vida, faz parte de um processo que possibilitou que Beauvoir se transformasse em uma mulher com a força necessária para transcender os valores de uma sociedade essencialmente patriarcal e, sobretudo, ultrapassar a si mesma.

Friedrich Nietzsche, em *Segunda Consideração Intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida (2003), distingue duas espécies de indivíduos: o ressentido e o criador. O ressentido é aquele que não é capaz de se desembaraçar das lembranças, de maneira que enxerga o passado como algo que lhe fere. Assim, as feridas fazem com que fuja do inesperado, o que elimina a possibilidade de qualquer aventura, ou seja, aborta a criação. A vida, então, paralisa, porque não se admite devir.

Simone de Beauvoir pode ser compreendida como um sujeito criador, já que se vale da rememoração para redimensionar a tradição, ou seja, a memória não paralisa a ação. Se, por um lado, para criar há a necessidade de esquecer, por outro, para todo ato criador há a necessidade de lembrar. A rememoração que possibilita a transformação do acontecido em escrita, abre uma janela para a reflexão. Assim como sugere Schopenhauer (2005): “Não é possível alimentar os outros com restos não digeridos, mas só com o leite que se formou a partir do próprio sangue.” (p. 22).

O momento da escrita de cartas, portanto, pode fazer parte de um processo em que a autora traz à tona suas experiências individuais para, a partir da reflexão, compartilhá-las com seu interlocutor. Desse modo, as experiências não se encerram no passado, mas podem gerar possibilidades novas de existência. Esse movimento de

conhecer a si mesma deságua na palavra escrita e viabiliza a transcendência de si. Vejamos, pois, a seguinte reflexão de Simone de Beauvoir, dirigida a Algren:

O mesmo sentimento de irrealidade que você menciona me domina, não consigo encontrar meu antigo eu. Sei que vou me virar para continuar meu livro, mas chegarei ao final? Por que você me perturba a esse ponto, homem malvado? (BEAUVOIR, 2000, p.188)

Nesse sentido, as cartas enviadas ao amado suscitam o processo de transfiguração da escritora-narradora-personagem, abalando, até mesmo, os contornos do seu ideário defendido publicamente. Ideias que, em grande parte, estão presentes em *O Segundo Sexo*.

Quando Simone de Beauvoir encontra Nelson Algren, o acontecimento a afeta de tal maneira que provoca sua transformação interior, desconstruindo perspectivas, quebrando barreiras e aumentando, assim, a capacidade de criação da autora. A experiência desse amor, efêmero a princípio, levou a autora a se dedicar à escrita de cartas. De maneira que, com a elaboração da escrita, ela teve a oportunidade de buscar no jorro da própria experiência individual uma maneira diferente de pensar a respeito de si mesma.

Entretanto, como é comum a muitas outras mulheres anônimas, Simone de Beauvoir passa a viver entre dois homens: Jean Paul Sartre e Nelson Algren. Muito além de reclamar pessoas, essa história triangular invoca querereres, energias que ultrapassam, até mesmo, o acordo emocional e intelectual firmado entre ela e Sartre, como já vimos anteriormente.

Podemos pensar, então, que ao desejar um amor transitório que a refrescasse momentaneamente do peso de suas obrigações, Beauvoir caiu na própria armadilha. Já que no momento em que pretendia seduzir o outro, ela própria se viu seduzida, como podemos comprovar através do excerto de correspondência a seguir:

Eu me sentia satisfeita com a minha vida, você sabe, parecia suficiente que ela contivesse relações tão profundas, na falta de outras formas de amor. Eu pensava já ter passado da idade para isso, e poderia ter continuado assim até a minha morte, trabalhando e acariciando as pessoas que me acariciavam. (...) Quando voltei para vê-lo em

Chicago, eu imaginava uma aventura desse tipo. Você me agradava, nós poderíamos compartilhar alguns dias agradáveis. (...) Eu não esperava absolutamente um amor, não pensava em ser seduzida, e você! você me fez ficar apaixonada, me fez voltar a Chicago, amando-o cada vez mais. (BEAUVOIR, 2000, p. 197)

Enredada pela própria armadilha, apaixonada por um homem que habitava um universo distante do seu, Beauvoir se vê repartida. De um lado, deseja perpetuar o pacto intelectual, iniciado há muitos anos, com Sartre. Por outro, quer viver plenamente a paixão pelo escritor americano. A autora entra, então, num labirinto.

No início, explorar o labirinto, o desconhecido, a fascinava, mas, com o passar do tempo, o frescor da descoberta do outro se torna também um fardo. O mesmo acaso que une a autora a Algren, não dá testemunha de leveza na medida em que também gera momentos de extrema angústia, tanto pela distância física, quanto pela incerteza de que esse amor poderia ter um futuro feliz. É o que podemos comprovar no relato epistolar e também no seguinte fragmento de *A Força das Coisas*, quando Beauvoir afirma se encontrar presa a uma situação para a qual não enxerga uma saída:

Tinha uma vontade imensa de ficar de novo perto de Algren; mas, afinal de contas, só tinha vivido três semanas com ele; não sabia em que medida eu estava apegada a ele: um pouco, muito ou mais ainda? A questão teria sido ociosa se as circunstâncias tivessem decidido por mim; mas de repente eu tinha a escolha: sabendo que poderia ter ficado com Sartre, expunha-me a remorsos que se transformariam, senão em rancor para com Algren, pelo menos em despeito contra mim mesma. (BEAUVOIR, 1995, p. 142)

Lendo as cartas em sequência, podemos perceber que, por diversas vezes, o episódio amoroso se revela como um nó de soluções bloqueadas. De maneira tal que, com o tempo, Beauvoir passa a evocar os momentos felizes que vieram imediatamente após o primeiro encontro, antes mesmo que nascessem as dificuldades de relacionamento entre ela e Algren.

Para Roland Barthes em *Fragmentos de Um Discurso Amoroso*, a evocação que o sujeito apaixonado pode fazer dos tempos felizes, pertencentes ao passado, é uma maneira dele se contrapor à “continuação” do relacionamento. A “continuação”, no

dizer do pensador, se constitui no período de infortúnios que se segue ao fascínio dos primeiros encontros:

(...) o longo desfile de sofrimentos, mágoas, angústias, aflições, ressentimentos, desesperos, embaraços e armadilhas dos quais me torno presa, vivendo então sem trégua sob a ameaça de uma decadência que atingiria ao mesmo tempo o outro, eu mesmo e o encontro prodigioso que no começo nos descobriu um ao outro. (BARTHES, 2001, p. 127)

Ainda recorrendo ao pensamento de Roland Barthes (2001), formulado em momento posterior à escrita das cartas de Beauvoir para Algren, “o encontro faz com que o sujeito apaixonado (já capturado) sinta a vertigem de um acaso sobrenatural: o amor pertence à ordem (dionísica) do Lance de dados.” (p.128) De maneira que, retomando os tempos felizes através da escrita, o sujeito apaixonado tem a possibilidade de reviver, assim, o deslumbramento que pertence à ordem do “primeiro prazer”.

Podemos pensar, então, que o encontro entre os dois escritores tem a força de atrair para si toda a linguagem de Beauvoir, resultando na riqueza das cartas aqui analisadas. Além disso, como já vimos, paralelamente à redação das correspondências, a autora produziu obras importantes que lhe renderam grande notoriedade.

A obra de ficção *Os Mandarins* (1956), por exemplo, inspirada no romance dela com Algren, lhe rendeu o prêmio *Goncourt*. E Algren, no mesmo período, também escreveu obras significativas que alavancaram sua carreira e lhe trouxeram o prêmio *Pullitzer* no ano de 1950. De modo que, ao acaso, o encontro de dois escritores viscerais inspirou não apenas a escrita de cartas, mas também ocupou um espaço considerável na atividade intelectual de ambos.

## II. AS CARTAS: FRAGMENTOS DE SOLIDÃO

Com a eclosão da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), a Alemanha invade a França em 1940. Depois de um combate de 43 dias, os franceses se rendem e o território é ocupado pelos alemães. Em 06 de junho de 1944, a tropa dos Aliados, composta, sobretudo, de americanos e ingleses, invade a Normandia para libertar a França da ocupação nazista. O clima de alegria que tomou conta de Paris, quando a França é libertada, é narrado por Simone de Beauvoir em *A Força das Coisas*.

Dia e noite com nossos amigos, conversando, bebendo, flanando, rindo, festejávamos nossa libertação. E todos que a comemoravam, como nós, tornavam-se nossos amigos, próximos ou distantes. Que orgia de fraternidade! As trevas em que a França fora envolvida se dissipavam. Soldados altos, de uniforme cáqui, que mascavam chicletes, provavam que se podia de novo atravessar os mares. (BEAUVOIR, 1995, p.11)

Mesmo com o tom festivo e eufórico que inundava a França recém-libertada dos percalços da Guerra, Simone de Beauvoir não se ausentava do exercício da elaboração intelectual como tarefa de reflexão. Podemos percebê-lo quando a escritora diz: “A guerra terminara: permanecia nos nossos braços como um grande cadáver incômodo, e não havia no mundo lugar onde enterrá-la.” (BEAUVOIR, 1995, p.36)

Na reconstrução da França, a atividade intelectual se desenvolvia ao mesmo tempo em que um novo panorama político se descortinava. De modo que o grupo de pensadores que difundiam a filosofia existencialista, liderados por Sartre e do qual fazia parte Simone de Beauvoir, passou a defender ideias que influenciavam diretamente na organização de um novo país e, em carta de 11 de janeiro de 1948, Beauvoir desabafa para Nelson Algren: “(...) como não se pode escrever nada, no momento atual, que não tenha uma conotação política, escrever se transformou em uma ocupação desesperante, absurda, quando o próprio mundo parece desesperador.” (BEAUVOIR, 2000, p.131).

No período posterior à Liberação, a política estava em toda parte, mesmo na arte e no pensamento, porque o intelectual ativo mantinha-se em estreita sintonia com o seu

tempo. Após a derrota alemã, União Soviética e Estados Unidos emergem como superpotências, repartindo o mundo entre a ideologia comunista e o sistema capitalista. O resultado desse embate foi a Guerra Fria que duraria pelos próximos quarenta e seis anos. A França, então, sofre uma segunda invasão: a dos valores norte-americanos.

Na segunda metade do século XX, os E.U.A intensificaram sua influência sobre o mundo, já que detinham a hegemonia tanto política, quanto cultural. Os americanos passam, portanto, a importar e a exportar não só ciência, arte, cultura, mas também tecnologia. O avanço técnico da indústria norte-americana fascinava os franceses que ainda tentavam se recuperar das mazelas da guerra. De modo que a América, ainda mítica para Simone de Beauvoir, representava, então, um mundo novo, os auspícios de uma nova vida, de mudança e liberdade. Ela mesma diz:

Significava tantas coisas a América! E, em primeiro lugar, o inacessível, jazz, cinema, literatura, ela havia nutrido nossa juventude, mas também fora um grande mito: um mito não se deixa tocar. A travessia devia ser feita de avião; parecia incrível que o feito de Lindbergh estivesse então ao nosso alcance. A América era também a terra de onde nos viera a libertação; era o futuro em marcha; era a abundância e o infinito dos horizontes; era um amontoado confuso de imagens lendárias: ao pensar que poderia vê-las com os próprios olhos, ficava-se com a cabeça virada. (BEAUVOIR, 1995, p.24)

A nova organização política do ocidente permite a Simone de Beauvoir viajar para os Estados Unidos, em 1947, para uma série de conferências que divulgavam o pensamento desenvolvido na França. Antes dela, porém, Sartre já tinha feito a mesma viagem e se apaixonado por uma americana. Naquela época, segundo palavras da própria autora, “ao se tornar uma potência de segunda ordem, a França se defendia exaltando, para fins de exportação, os produtos da terra: alta costura e literatura.” (BEAUVOIR, 1995, p.43) Como vimos anteriormente, é durante essa viagem que Beauvoir terá a experiência de um amor contingente com Nelson Algren.

A autora fica fascinada ao tomar contato com a cultura americana, tão distante da realidade francesa de então. Seguindo as recomendações de uma amiga, quando passa por Chicago, marca encontro com o escritor Nelson Algren. O desejo de Beauvoir

era conhecer alguém que lhe pudesse mostrar o outro lado da América, ou seja, o reverso do mítico “sonho americano”.

No momento em que os dois se encontraram, um ignorava completamente a história do outro. De modo que Algren apresenta a uma francesa anônima o universo que servia de inspiração e moldura para suas obras: o submundo de Chicago. É o que podemos comprovar na reportagem *Last Round in Small Cafés* publicada na revista *Chicago* em dezembro de 1980, quando o autor relembra o primeiro contato com Beauvoir em 1947:

Eu quis mostrar a ela que os Estados Unidos não eram uma nação de burgueses prósperos, todos ao volante de um carro que os leva a uma casa no subúrbio, da qual são proprietários, e abastados membros do *country club*. Quis lhe mostrar pessoas que, sob efeito da mesma força implacável, iam direto para a penitenciária e para a cadeia. (...) Elas iam cada vez mais para baixo, sempre mais. Eu conheci muitas dessas pessoas naquele ano. (*Last Round in Small Cafés, Chicago, 1980* apud FRAIN, 2013, p.81).

Esse total desconhecimento do personagem que o outro representava publicamente serviu como alimento para que duas singularidades se unissem. O estranhamento provocado pela dessemelhança, desperta, assim, a curiosidade de Beauvoir, como relatado no fragmento de carta a seguir:

Você disse que no início não sabia com quem estava lidando. Eu também não, eu jamais ouvira falar de você, e é isso o mais estranho em nossa história. É claro que eu não sabia que você me atraía, quando deixei Chicago pela primeira vez, mas de nenhum modo sabia quem você era. (BEAUVOIR, 2000, p.37)

Depois do primeiro encontro, Beauvoir se sente próxima de alguém que lhe era bem longínquo, tanto geograficamente, quanto culturalmente. Aos poucos, brechas vão sendo abertas para que duas distâncias pudessem, sem equívoco, manifestar sua fraternidade. De tal modo que as tensões provocadas pela aproximação de universos tão díspares serviu também para que as fronteiras entre eles fossem, aos poucos, desaparecendo.

Por conta do amor a Algren, ela pode conhecer ideias e universos distintos do seu, além de acrescentar, ao seu repertório, novas leituras e novas visões. A troca epistolar, intelectual e afetiva, portanto, foi deveras frutífera. Todavia, ele não fazia parte do universo de Beauvoir, não compartilhava com ela experiências individuais semelhantes. Em contrapartida, personificava a novidade, o frescor de um amor contingente, de tal maneira que a própria autora confessa em *A Força das Coisas*:

No trem de Los Angeles, li um de seus livros e pensei nele; vivia num barraco, sem banheira, nem geladeira, à beira de uma rua onde fediam latas de lixo, e onde rodopiavam velhos jornais; aquela pobreza me refrescara, pois eu mal suportava o odor pesado de dólares que se respirava nos grandes hotéis e nos restaurantes elegantes. (BEAUVOIR, 1995, p.118)

Apesar da forte atração, a língua foi a primeira barreira encontrada pelo casal, como podemos comprovar na carta que inaugura a correspondência, escrita por Beauvoir a Algren em 23 de fevereiro de 1947:

Eu estou tentando escrever em inglês, por isso perdoe a minha gramática e, ainda que eu não use as palavras corretamente, tente me compreender assim mesmo. Além disso, tenho má caligrafia e escrevo num trem em movimento. (BEAUVOIR, 2000, p.11)

Beauvoir se comunicava mal em inglês e Algren não compreendia o francês, língua que a autora preferiria usar. Em determinado momento ela diz: “Se eu escrevesse em francês, mostraria a você um monte de mistérios muito poéticos, mas em sua língua é demasiadamente difícil.” (BEAUVOIR, 2000, p.192) Porém, apesar das restrições linguísticas, ela se esforçou sobremaneira para se fazer compreender, já que as cartas endereçadas ao amado são todas escritas em inglês. Em uma das missivas, revela a singularidade da troca epistolar da seguinte maneira: “Você sabe, jamais escrevi cartas de amor em inglês. Estou consciente de que conceder tanta importância aos sentimentos pessoais é uma insensatez, quando no vasto mundo acontecem tantos fatos graves (...).” (BEAUVOIR, 2000, p.80)

Além do esforço para se expressar da melhor maneira, Beauvoir também trabalhou, arduamente, na tradução das obras de Algren para o francês. Justifica, em

uma das cartas, toda a dedicação da seguinte forma: “Saiba que é uma maneira de expressar o meu amor, isso de arrebentar as minhas costas sobre esse treco, e de me anquilosar a mão.” (BEAUVOIR, 2000, p.304). Além disso, ajudou a divulgar as obras dele no ambiente literário francês, como vemos a seguir:

Encontrei um editor que se interessa por você. (...) É um cara jovem e gentil que se inicia como editor independente, e pensa fazer misérias com você. Veremos. O problema é que você é muito difícil de ser lido pelos franceses e, portanto, difícil de traduzir, mas ele está profundamente interessado, estou certa de que providenciará isso. (BEAUVOIR, 2000, p. 169)

Por outro lado, Algren não se aventurava em aprender o francês, o que, em parte, dificultou sua inserção num microcosmos que lhe era estranho. De maneira que a autora ironiza em fragmento de carta a seguir: “Eis uma pequena entrevista comigo, que você não poderá ler, preguiçoso provinciano, mas talvez o pequeno desenho o divertirá.” (BEAUVOIR, 2000, p.173).

Gradativamente, Beauvoir vai aprimorando seu aprendizado na língua inglesa para se comunicar da melhor forma com o amado, mas Algren não se esforçou para aprender o francês. Podemos comprovar isso no trecho seguinte de *A Força das Coisas*:

Mas havia entre nós uma grande diferença. Eu falava a língua dele, conhecia bastante bem a literatura e a história de seu país, lia os livros que ele apreciava, e os que escrevia; perto dele, esquecia de mim, entrava no seu universo. Ele ignorava quase tudo do meu, lera alguns dos meus artigos, lera um pouco mais da obra de Sartre, e os autores franceses, em geral, pouco lhe interessavam. (BEAUVOIR, 1995, p148)

Nas cartas, Beauvoir se queixa, com frequência, da resistência do amado em aprender o francês. De modo que, mais uma vez, ironiza: “Sim, vocês falam duas línguas, a do dólar e a da bomba atômica, mas o francês é também uma língua muito boa, você poderia tentar aprendê-lo. Ou será que nos despreza a esse ponto?” (BEAUVOIR, 2000, p.98).

A troca de cartas atua, assim, no sentido de familiarizar o destinatário com um universo cultural e social que lhe era estranho. Nesse sentido, a aproximação não está atrelada apenas à proximidade física, já que foi, sobretudo, através da interação epistolar que aconteceu a união entre os ausentes, como podemos perceber em fragmento de carta abaixo:

No momento exato em que você perguntava “você sente que nos aproximamos?”, eu lhe escrevia: “Nós estamos mais próximos do que nunca”. Sim, é verdade, depois da nossa separação alguma coisa ocorreu, nós nos conscientizamos de que o amor aconteceu conosco. Só depois, estupefata, compreendi. E, tão certo quanto eu ter um coração, sei que não nos decepcionaremos um com o outro. Meu querido, você colocará o braço em torno do meu corpo, você me beijará e de novo será meu marido. (BEAUVOIR, 2000, p.45)

Mesmo com todas as barreiras, Beauvoir mantém uma relação de cumplicidade com o destinatário, na medida em que este se torna alguém capaz de compreender seus conflitos e guardar seus segredos. De maneira tal que podemos notar um processo dinâmico que fundamenta a interação epistolar: a escrita, o envio das cartas e a espera por respostas. Esse movimento pendular que aponta para si e, respectivamente, para o outro é o que torna a comunicação interessante, já que, mandando seu afeto para o par, a missivista espera que esse afeto retorne redobrado.

A escrita de cartas, então, é motivada pela espera de respostas, tal qual nos sugere Roland Barthes (2001): “Como desejo, a carta de amor espera sua resposta; ela impõe implicitamente ao outro responder, sem o que a imagem dele se altera, se torna outra.” (p. 60) Na epistolografia ora analisada, muitas das correspondências contêm indagações, como podemos observar no fragmento abaixo:

O seu livro está terminado? Espero sua carta, logo escreverei melhor, eu só queria lhe mandar beijinhos e fazê-lo lembrar que existe em Paris uma mulher apaixonada por Nelson no 11, *rue de la Bûcherie*, não se esqueça disso, adeus meu solitário, meu bem-amado. Eu permaneço sua Simone. (BEAUVOIR, 2000, p. 250)

Dessa maneira, o remetente é impulsionado pelo desejo de criar uma cena íntima e suscitar uma proximidade com o outro, assim como nos propõe Françoise Simonet-Tenant (2009). E podemos observar em carta do dia 23 de setembro de 1960:

De Paris ou do Brasil, continuo a ser, como sempre, para sempre, a Simone que o ama. Lembro-me de muitas coisas, dos novos sonhos que vivi, sonhos mágicos que você me fez sonhar, tão belos quanto os antigos. Eu o beijo, meu mágico, com todo amor de sua Simone. (BEAUVOIR, 2000, P. 526)

Philippe Lejeune nos esclarece que toda carta pode ser entendida como uma partilha com múltiplas funções: um objeto que se troca, um ato entre o sujeito do enunciado e seu destinatário e, em última instância, um texto que pode ser publicado. Vista como objeto cultural, a carta tem valor histórico, porque, através dela, podemos desvendar a vida mental e íntima de quem a escreveu e, até mesmo, compreender alguns aspectos pertinentes ao contexto cultural no qual se insere. Além disso, analisando seu suporte (papel, tinta ou mesmo o timbre), podemos também investigar alguns códigos sociais, tais como classe social e escolaridade do missivista. Já a carta analisada como ato engloba personagens que assumem papéis, máscaras com objetivos afetivos ou práticos. A encenação, ou seja, a verdade presente na carta, vem carregada de intenções e desejos pontuais ou mesmo cambiantes. (TERESA REVISTA DE LITERATURA BRASILEIRA, 2008, p.8)

Por outro lado, se analisamos a carta como discurso, podemos tomar contato com uma escrita que se situa entre o prosaico e o literário, entre o público e o privado, entre as experiências vividas e as imaginadas, mas com grande valor estético, porque elaborada com intenções refletidas de antemão. Entretanto, a autorreflexão presente no discurso epistolar não se encaixa num inventário fechado de formas rígidas, mas em um processo interacional dinâmico. A carta confessional, portanto, não se esgota em um único artefato textual, já que apresenta uma ruptura das fronteiras entre os gêneros.

De acordo com Françoise Simonet-Tenant (2009), a crença de que as cartas são impressões imediatas de alguém que escreve sem refletir, de impulso, sem se esforçar, ou seja, a suposta espontaneidade da carta foi perdendo força com o passar do tempo. Os escritores começaram a se conscientizar de que os textos escritos no calor da intimidade poderiam também ter valor para publicação. “Pareceria que,

progressivamente, diários e cartas não se limitavam ao segundo plano, se impondo como textos dotados de valor próprio e um *status* de obra.” (p.129).

Além de poder ser analisado pelo valor estético, outra importante característica do gênero epistolar é a marcação temporal, quando tempo e espaço se articulam. Analisando as cartas, em sequência, podemos perceber que a vida de Simone de Beauvoir aparece relatada em ano, mês e dia, ainda que com certas interrupções. As cartas também revelam o lugar do qual foram escritas, como, por exemplo, nas situações em que a autora transita por cidades ou países longínquos. Assim, o cotidiano dela ganha contornos distintos, porque se firma no traçado do percurso do leva e traz da correspondência.

A relação epistolar entre Beauvoir e seu “amor americano” sobreviveu também à ansiedade da espera por notícias, como podemos observar no fragmento de carta a seguir:

A ausência simultânea de carta e de telegrama só podia ser explicada se algo tivesse acontecido a você. Eu não podia dormir, não podia trabalhar, nem comer, durante três dias vivi um pavor mortal. Por favor, faça alguma coisa por mim: dê-me o nome e o endereço de alguém, de sua mãe, ou de Conroy, ou do “guarda”, a quem você também poderá dar o meu nome e o endereço, de modo que eu possa estar a par se algo lhe acontecer. (BEAUVOIR, 2000, p.209)

As informações emocionais ou referenciais das cartas chegavam sempre com atraso, sobretudo naqueles tempos em que o sistema de entrega de correspondências ainda era deficiente e ainda havia as recorrentes greves dos Correios, como a própria autora relata a seguir: “O mais desagradável é que algumas cartas chegam todas misturadas, as mais antigas junto com as mais recentes. Os grevistas quebraram caixas postais em Paris e atiraram correspondências no esgoto. Espero que suas cartas não se percam. Eu ficaria com muita raiva.” (BEAUVOIR, 2000, p.108)

Além disso, as cartas podem representar uma intromissão do passado no presente, pois há um inevitável recuar no tempo no momento da leitura. Se o momento da recepção é posterior ao ato da escrita e do envio, podemos pensar, então, que aquilo que o destinatário lê são informações passadas, o que pode causar um hiato de angústia naquele que anseia por notícias vindas de longe. Em correspondência do dia 6 de dezembro de 1947, Beauvoir declara sua ansiedade para o amado:

O amor, posso imaginar que ele não esteja morto, mas como viver sem saber como está o tempo em Wabansia? Sinto-me distante e triste. Às vezes, pego a minha bolsa de cartas antigas, mas eu as conheço de cor, não basta saber como você era e supor que tudo continua igual. O que acontece ao seu redor, em sua mente louca e no seu coração bondoso e quente? Se não receber nada na próxima semana, telegrafarei. Estou ficando nervosa. (BEAUVOIR, 2000, p. 107)

Como podemos observar no exemplo anterior, nas cartas, a missivista tem a possibilidade de praticar uma retórica do desvio, na medida em que finge se esquecer de si mesma para se dedicar à preocupação com o amado tão distante. E, assim como age uma estrategista, se empenha em seduzir o outro, dispensando a ele cuidados e atenções.

Sartre, em *O Ser e o Nada* (2003), trata a sedução entre os amantes da seguinte forma:

Seduzir é assumir inteiramente e como um risco a correr minha objetividade para o outro, é colocar-me ante seu olhar e fazer com que ele me olhe, é correr o risco de ser-visto, de modo a tomar novo ponto de partida e apropriar-me do outro na e por minha objetividade. (463)

Para ele, no jogo da sedução, é travada uma luta em que há o esforço do amante para se tornar objeto fascinante para o amado. Assim, aparece a busca por estratégias que façam com que o indivíduo se constitua como plenitude de ser para seu par e seja reconhecido como tal.

No caso das cartas, Beauvoir utiliza diferentes estratégias para seduzir Algren. O próprio objeto carta já é em si uma carícia, uma sensualidade, como nos sugere Roland Barthes em *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Quando a correspondência chega, o destinatário tem a possibilidade de tocar o que o remetente tocou. A carta, então, se transforma numa “terceira pele” que une os amantes. (BARTHES, 2001, p.102)

Dessa forma, a autora mobiliza sua habilidade de escritora para convencer o amado de que valia a pena esperar por um amor tão distante. Perante o outro, coloca-se ora sedutora, ora nostálgica, passiva, submissa, também travessa ou irônica, mas sempre, extremamente, amorosa. Na carta a seguir, se revela como alguém entregue ao amado:

Dizem que os homens desprezam as mulheres que os veneram. Receio, então, que a minha tática esteja errada. Por que você é um grande e sábio crocodilo e eu, apenas uma rãzinha? Talvez eu seja uma rã enorme e você, um minúsculo lagarto. Lancemo-nos desafios, mas comecemos na próxima semana. Hoje, tome-me em seus braços e me diga: “Logo isso será verdade, eu a tomarei em meus braços. Continue a me amar como uma rã tola, porque eu também a amo” (BEAUVOIR, 2000, p. 96)

Quando se posiciona como uma mulher fragilizada, a autora renuncia, em parte, à imagem de filósofa austera, renuncia também à pele de castor (como foi apelidada pelos amigos franceses) para dar passagem à mulher passivamente apaixonada.

Na intimidade das cartas, as imagens da rã e do crocodilo aparecem, reiteradas vezes, nomeando o casal. Tais apelidos personificam, assim, a aparente fragilidade da autora perante a força protetora do amado:

Meu Nelson, meu doce crocodilo, talvez você zombe da minha seriedade, talvez você não veja aí outra coisa além da tagarelice de uma rãzinha eloquente e talvez você tenha razão. É por isso que o amor me dá medo, talvez ele me torne meio idiotizada. Seja o que for, disse sinceramente o que eu trago no coração. Tenho um último medo, Nelson: eu o amo tão profundamente, não se atreva a me amar menos. (BEAUVOIR, 2000, p.66)

A imagem da minúscula rãzinha em contraste com o forte e temido crocodilo aparece também em jogos eróticos, como a seguir: “Deve ser agradável, aconchegante e confortável para uma rãzinha estar deitada preguiçosamente em seu estômago de crocodilo, você não terá nenhum problema em fazer de mim seu jantar...” (BEAUVOIR, 2000, p. 81)

À primeira vista, essa maneira de inferiorizar a condição feminina entra em choque com as ideias defendidas por Beauvoir em *O Segundo Sexo*, assim como podemos comprovar no seguinte fragmento de carta:

Eu poderia pegar um quarto para mim, você trabalharia tranquilamente e ficaria sozinho quando o desejasse. E eu seria ajuizada, lavaria a louça, varreria. Eu própria iria comprar ovos e doces ao rum, e não tocaria em seus cabelos, sua face ou no seu ombro sem autorização. (BEAUVOIR, 2000, p.65)

No entanto, esse papel de subserviência não se concretiza de fato.

Para Barthes (2001), quando o sujeito enamorado assume sua dependência para o outro é um modo de revelar uma solicitação. O autor ainda diz que esse modo de expressar a dependência não se constitui “fraqueza” ou “ridículo”, mas um signo potente que afirma a força do amor. (p. 110) Por esse ponto de vista, quando Beauvoir se assume apaixonada, se revela como alguém forte e consciente em sua dependência, como podemos pensar a partir da leitura do fragmento de carta a seguir:

Amá-lo tanto significava que eu posso sofrer terrivelmente por sua causa, quando o deixo, quando você está de mau humor e, principalmente, se você me amar menos. Isto significa que minha felicidade está em suas mãos e, em certo sentido, eu preferiria conservá-la nas minhas. Bem, agora está feito, não posso fazer mais nada, preciso aceitar esta dependência, quero aceitá-la, já que o amo. (BEAUVOIR, 2000, p. 65)

Contudo, nos diz Barthes, o discurso amoroso não é desprovido de cálculos:

(...) eu raciocino, faço contas às vezes, seja para obter determinada satisfação, para evitar determinada mágoa, seja para representar interiormente ao outro, num movimento de humor, o tesouro de engenhosidades que esbanjo *a troco de nada* em seu favor (ceder, esconder, não magoar, divertir, convencer etc.). (BARTHES, 2001, p.179)

Dessa maneira, quando se descreve como uma mulher submissa às vontades do amado, Beauvoir aparece projetando situações para um futuro em que o reencontro será feliz, sem conflitos de espécie alguma. E, muitas vezes, o faz de maneira bastante irônica:

Em Paris, tentarei não ver ninguém, procurarei me fechar em um ninho como você no seu, quando você for jogar pôquer, eu irei tomar um uísque, quando você me encontrar, eu o encontrarei, e você vai ver, da próxima vez eu serei realmente tão gentil, tão discreta e obediente quanto uma esposa árabe (elas falam terrivelmente, saiba você.) (BEAUVOIR, 2000, p. 214)

Como percebemos, na relação epistolar com Algren alguns pontos de vista da autora são desmontados e ela assume posturas bem distintas das ideias que ela mesma defendia publicamente ou em sua escrita ensaística. Entretanto, nas cartas, a própria autora justifica para Algren essa contradição, no intuito de desfazer a aparente fragmentação entre a escritora e a missivista. É o que podemos comprovar a seguir:

Mas essa insignificante diferença não deve iludi-lo: não existe senão uma mulher, uma só. Quando escrevo romances ou ensaios, procuro ser tão verdadeira como quando lhe digo que o amo. E quando digo isso a você, penso, com todo o meu coração, na verdade desse amor com tanta seriedade como se eu fosse escrever um longo ensaio. Não estou brincando, dedico longas e sérias reflexões ao nosso amor, ao que você me dá, que é tão fundamental, e ao que eu não lhe dou. Contudo, querido, se você insistir na ideia de que existem duas mulheres em mim, esteja certo de que as duas o amam e que talvez a mais amável não seja a mais inteligente. (BEAUVOIR, 2000, p. 109)

E, apesar de não recusar a parte sentimental e patética de si mesma, Beauvoir também empresta ao espetacular balé de cartas a efervescência de seu pensamento ideológico, como a seguir, quando afirma para o amado um olhar bem crítico para a situação das mulheres de seu tempo:

Que destino desolador o de uma esposa francesa pequeno-burguesa! De manhã à noite elas repreendem os filhos, as crianças choram, se sujam, as mães as limpam, quando elas não gritam com as crianças, fazem tricô, lavam, costuram, costurando e tricotando elas tagarelam sobre tricô, a faxina, as doenças infantis, a maldade da sogra. Deus! Eu não me lembrava mais, por não ver com frequência este modo de vida, que ele pudesse ser tão terrível.<sup>2</sup> (BEAUVOIR, 2000, p.205)

Sendo assim, através de suas obras e dos posicionamentos políticos, podemos afirmar que Simone de Beauvoir acreditava na conquista da autonomia individual e vivia de fato o projeto que teria a liberdade como fundamento e finalidade, como afirma a seguir:

---

<sup>2</sup> Carta enviada da Argélia em 09 de setembro de 1948.

Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades; não há outra justificação da existência presente senão sua expansão para um futuro indefinidamente aberto. (BEAUVOIR, 2008, p.43)

Assim, podemos pensar que a sugestão de passividade percebida em Beauvoir se realiza apenas nas cartas. Essa sugestão se desfaz quando a missivista deixa o espaço epistolar e é convocada pelo espaço real a tomar uma decisão. De fato, um dos motivos principais de desavença entre o casal foi a recusa dela em viver permanentemente com Algren, o que o aborrece sobremaneira. É o que constatamos a seguir, quando Beauvoir, em *A Força das Coisas*, transcreve fragmento de carta na qual Algren reivindica a posse da amada:

“Amar uma mulher que não nos pertence, que faz com que outras coisas e outras pessoas passem na nossa frente, sem nunca nos colocar em primeiro lugar, não é aceitável. Não lamento nenhum dos momentos que tivemos juntos. Mas desejo agora um outro tipo de vida, com uma mulher e uma casa minhas... a decepção que senti há três anos, quando comecei a perceber que sua vida pertencia a Paris e a Sartre, agora está velha e embaçada. O que tentei fazer depois foi retomar a minha vida de você. Tenho muito apreço pela minha vida, não me agrada que ela pertença a uma pessoa tão distante, alguém que vejo apenas algumas semanas por ano...” (BEAUVOIR, 1995, p.222)

A constante ausência da mulher amada vai se transformando, para Algren, em prova de abandono. Ele anseia pela presença constante de Beauvoir, necessita de uma mulher sempre presente que o complemente, porque sua existência é solitária, assim como ele mesmo afirma e pudemos comprovar anteriormente.

Enquanto Beauvoir vive em estado de partida, de eterna migração. Algren constitui uma vocação inversa, porque fica à espera, enraizado em Chicago. De acordo com o dizer de Roland Barthes em *Fragmentos de um Discurso Amoroso*:

A ausência amorosa só tem um sentido, e só pode ser dita a partir de quem fica- e não de quem parte: *eu*, sempre presente, só se constitui diante de *você*, sempre ausente. Dizer a ausência é, de início, estabelecer que o sujeito e o outro não podem trocar de lugar, é dizer: “Sou menos amado do que amo”. (BARTHES, 2001, p.53)

De modo que a ausência é tida como a figura da privação, já que o ser amado deseja e precisa do outro ao mesmo tempo. Algren, então, às voltas com a sensação de abandono, deseja se casar novamente com a ex mulher. Temos acesso ao desenrolar desse doloroso episódio, através da voz de Simone de Beauvoir nas cartas e também por meio de notas de Sylvie de Beauvoir, o que voltaremos a ver, mais detidamente, no final deste capítulo.

O encontro com Algren e a continuação do romance através das cartas oferece a Beauvoir a oportunidade de destruir algumas das barreiras interiores. Dessa maneira, seu pensamento sofre transformações. Nesse movimento de sair de si, a autora mantém o mundo à distância para então se apoderar de si na relação com o mundo. Nesse sentido, observamos que aparece um impulso de vida que estimula a autora a avançar para além de si mesma. A correspondência, então, sublinha o paradoxo da existência: por um lado, Beauvoir se descreve engajada no mundo, manifestando-se no tempo da história. Por outro, se vê entregue a uma espécie de atemporalidade, a uma transcendência.

As cartas subvertem a ideia de obra completa, porque ocupam um espaço fora do livro e também fora da vida. (SIMONET-TENANT, 2003) Por esse ponto de vista, podem, então, apresentar tanto uma inserção referencial, quanto a imaginação inventiva de um mundo perfeito, como a seguir:

De volta à minha casa, chorei até fazer meus olhos saltarem do crânio – não lágrimas duras de amargura e desesperada, como em Nova York, quando eu julguei morto o nosso amor, não, lágrimas semelhantes àquelas que verto em seu querido e paciente ombro, no interior do meu Xangri-lá. (BEAUVOIR, 2000, p. 262)

No livro de cartas, Sylvie Le Bon de Beauvoir introduz uma nota de rodapé na qual explica que a palavra Xangri-lá se refere ao paraíso da eterna juventude, miticamente situado em um vale do Tibete.

No caso das missivas aqui analisadas, o olhar crítico de Beauvoir para o que acontece ao seu redor está tão presente quanto as vias miúdas de suas relações interpessoais. Além disso, as missivas revelam também momentos em que o

pensamento da autora foge da realidade palpável e se abriga em um mundo idealizado em que tudo é perfeito.

Pensando assim, o imaginário preenche o lugar da ausência. Esse sentimento de “desrealidade”, segundo Barthes, pode ser compreendido como um “sentimento de ausência, fuga da realidade experimentada pelo sujeito apaixonado, diante do mundo” (BARTHES, 2001, p.115) Dessa maneira, a recusa da realidade se pronuncia através de uma fantasia, o sujeito apaixonado se desvincula do mundo real, idealiza as utopias do seu amor, se entregando, sem pudores, à imagem, porque todo real incomoda. (BARTHES, 2001, p.119)

A linguagem do imaginário, então, se pronuncia através da fantasia e, dessa maneira, se faz original e paradisíaca, como no exemplo a seguir em que Beauvoir escreve para Algren:

Eu serei tão delicada, serei sensata, você verá, eu lavarei o chão, cozinharei todas as refeições, escreverei o seu livro ao mesmo tempo que o meu, farei amor com você dez vezes por noite e outro tanto de dia, mesmo que isso deva me cansar ligeiramente. Sim, será elegante viver em uma pequena casa nossa, escrever, nadar e nos amar. (BEAUVOIR, 2000, p.311)

Podemos pensar no imaginário como o lugar perfeito no qual é permitido que o sujeito apaixonado se refugie das mazelas do cotidiano. Com efeito, essa construção narrativa do próprio sujeito movendo-se em direção à ficção, confronta-se com os limites impostos pelas barreiras do real. Nesse sentido, o imaginário possibilita a transformação do narrador em personagem, mas com características distintas do próprio sujeito. Assim, há uma tensão que separa a narração dos acontecimentos verificáveis da narração produzida no imaginário. Todavia, podemos ressaltar que são estratégias expressivas de contar a experiência humana, o que enriquece a longa correspondência que aqui analisamos.

No momento em que se dedica a escrita de cartas, Beauvoir se aventura, apaixonadamente, na busca do reconhecimento do outro e, conseqüentemente, de si mesma. Em uma das missivas, confessa: “Oh! Meu querido, você tão amado, é difícil escrever, ainda não acredito, não me dei conta de que não o verei antes de um ano -pelo

menos um ano, você disse - mas escrever me torna consciente disso.” (BEAUVOIR, 2000, p. 185)

Na inflação da escritura íntima, nos deparamos com o transbordamento da sensibilidade, da sensualidade da autora em direção ao outro. Momento esse em que Beauvoir se enxerga no jorro profundo da própria existência. Assim, a janela que é aberta para que o eleito descubra Simone de Beauvoir permite um duplo movimento. Como quer Silviano Santiago no ensaio *Ora (direis) puxar conversa*, quando o missivista deseja se revelar para o outro, há também uma revelação para si, já que as cartas podem ser compreendidas como um exercício de auto indagação, provocando a modificação interior daquele que se inscreve no papel:

Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro. Ao querer instigar e provocar o outro, à espera de reação, de preferência uma resposta, o missivista retroage primeiro sobre si mesmo, porque o chute inicial da correspondência pressupõe o exercício de certo *egoísmo abnegado*, se me for permitido o paradoxo.” (SANTIAGO, 2006, p.65)

Na sequência das cartas, podemos perceber que, ao lançar-se em direção ao amado, Beauvoir epistológrafa se revela e se contempla, se observando antes para se mostrar em seguida. De modo que podemos pensar que, *a priori*, escreve para si mesma, uma figura interna que é leitora da própria missiva, como ela mesma reconhece: “Muito bem, eu escrevo para me agradar. Eu o amo tanto, é preciso que lhe diga. Por que eu deveria censurar meu sentimento bobo?” (BEAUVOIR, 2000, p.342)

Além do que, na correspondência trocada, podemos ler uma conversa em que os interlocutores estão próximos. No excerto de carta a seguir, observamos de que modo a escrita age, ajudando a amenizar a distância entre o casal apaixonado:

Você não dá tanta importância assim às palavras, eu sei; a seus olhos tenho um amor excessivo por elas, sempre faço meus maxilares e a minha caneta trabalharem demais. Você tem razão, mas só as palavras podem me ajudar a esperar por você. (BEAUVOIR, 2000, p.85)

Ainda segundo Silviano Santiago, a troca epistolar não se distancia do “puxar conversa”. De modo que ler-escrever pretende substituir a interação falar-escutar, na medida em que as cartas carregam em si o desejo de reproduzir uma conversa presencial. De fato, em *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico*, por diversas vezes, notamos essa aproximação, como no exemplo a seguir:

Sua carta chegou ontem com rapidez, eu a recebi ontem à noite ao entrar. Pela primeira vez desde que o deixei, não me lembrei de seus sorrisos, de seus beijos, do som de sua voz, antes de adormecer, apenas deixei as palavras de sua carta se acomodarem em meu coração. Ela é tão quente, tão viva, tão adorável que, ao lê-la, e, depois de me lembrar de suas palavras no escuro, eu nem mesmo sentia saudades. Você estava aqui, você era as suas próprias palavras, elas eram você. (BEAUVOIR, 2000, p.82)

Entretanto, ao se entregar ao destinatário, a missivista não se distancia de si, partindo, de início, para um diálogo solitário consigo mesma,

como vimos. Num primeiro momento, escreve para si para só depois partir para o diálogo com o outro, por essa razão as cartas podem ser consideradas como fragmentos de solidão.

No momento em que a missivista se dedica ao solilóquio, pratica um exercício de introspecção. Introspecção no sentido de decifração do sujeito por ele próprio, ou seja, naquele momento introspectivo da escrita de cartas, o sujeito tem a oportunidade da autodescoberta e oferece ao outro uma abertura sobre si mesmo, como nos sugere Silviano Santiago em *Ora (dizeis) puxar conversa* (2006, p.64) Sob esse aspecto, podemos dizer que, no momento solitário da escrita, Beauvoir cria uma maneira de viver consigo mesma. Envia, pois, ao amado sua vida na presença imediata. De modo que há a possibilidade de lermos a correspondência como um diário endereçado.

A característica mais expressiva do diário é a presença do cotidiano, porque o ritmo do texto acompanha o compasso do calendário. A tentativa de racionalização da experiência do cotidiano é, pois, a base do gênero diário. As datas que costumam aparecer nas entradas, além da tentativa de organização de uma possível existência, é uma ordenação dos acontecimentos e podemos observar que isso acontece na estrutura das cartas.

Quando registra sua vivência para Algren, descrevendo fatos ou procurando registrar o impalpável, podemos pensar que Beauvoir tenta conter a passagem do tempo, eternizando a efemeridade na escrita. O gênero diário que também aparece nas cartas se assemelha a um relato fracionado, escrito a partir da memória recente, em que a narradora anota, periodicamente, com o amparo das datas, um conteúdo que a singulariza e se revela muito próxima do fato narrado.

Essa maneira de o remetente contar ao outro o que lhe passa ao redor, transmite a ideia de que há uma revelação do secreto, de que o outro possa ter acesso a tudo o que se passa com o amado. Contudo, as confidências sobre si podem sofrer modificações e recortes, ou seja, o caráter espontâneo do texto pode sim ser calculado.

A escrita de cartas pode ter uma pretensão narcísica. Todavia, seu caráter é bem distinto da contemplação mitológica, passiva, idealizada, porque há um trabalho de elaboração estética que busca a verdade sobre si como necessidade existencial. Dessa maneira, o termo narcisismo perde a conotação pejorativa. Para Beauvoir, a pura contemplação de si empobrece a escrita autobiográfica, como podemos comprovar a seguir:

Sem dúvida o eu nem sempre é odioso. Poucos livros são tão apaixonantes do que certas confissões: mas é preciso que sejam sinceras e que o autor tenha alguma coisa a confessar. O narcisismo da mulher empobrece-a, ao invés de a enriquecer: à força de não fazer outra coisa senão contemplar-se, ela se aniquila; até o amor que dedica a si mesma se estereotipa: ela não revela em seus escritos sua experiência autêntica e sim um ídolo imaginário construído com clichês. (BEAUVOIR, 2008, p.85)

Nas escritas autobiográficas, o termo narcisismo, então, adquire uma outra conotação, já que o sujeito se contempla, mas na tentativa de revelar ao outro uma verdade sobre si.

Para o escritor francês Philippe Vilain, “Não se escreve sempre por se admirar, mas porque se queira isso: o escritor se situaria antes, numa esperança narcisista.” (VILAIN, 2009). Assim, o desejo narcisista de falar de si mesmo, muitas vezes, expressa um desejo do escritor de ser admirado pelo seu público.

Como quer Vilain, “uma construção de si por si mesmo não pode escapar à tentação narcísica”. O narcisismo, então, se relaciona com o ato da escrita, assim como com qualquer forma de socialização de si. No caso das cartas, o remetente deseja mesmo é ser admirado pelo seu interlocutor. Como acontece, por exemplo, na

correspondência de Beauvoir enviada a Nelson Algren. Contudo, mesmo com toda a sedução, com todo o amor declarado, a relação epistolar entre os dois escritores, em diversos momentos, se revelou por demais conflituosa.

Em setembro de 1949, Algren retorna de sua primeira viagem à França. E, ainda no avião, recebe a notícia de que havia ganhado o prêmio *Pulitzer* pela obra de ficção *O Homem do Braço de Ouro*. Na ocasião, Beauvoir redobra o número de cartas, já que o amado, ocupado com os atributos da grande exposição, diminui a correspondência enviada a ela, como podemos comprovar no fragmento da correspondência a seguir:

Um problema se coloca para mim, querido, digno de uma revista feminina, poderíamos formulá-lo assim: “Querido correio sentimental, há dois anos eu me apaixonei por um gentil rapaz provinciano, pobre e não muito bom da cabeça. Subitamente ele conheceu um sucesso internacional, tornou-se milionário, compararam-no a Dostoievski. O que fazer para conservar o seu amor? Ou devo simplesmente esquecê-lo?” Na realidade, estou impressionada com sua última carta, breve, apressada, logo talvez os seus triunfos o desviarão de me escrever. Em todo caso, enquanto você julga me amar, eu me alegro com tudo o que lhe acontece. É realmente um tremendo sucesso, as críticas são extraordinárias. (BEAUVOIR, 2000, p. 271)

Algren passa, então, a adotar um tom frio nas poucas missivas que envia. Beauvoir, por sua vez, reclama da escassez de correspondências em carta escrita no dia 3 de maio de 1950:

Até que enfim, até que enfim, recebo sua carta de Chicago, a do dia 26, após mais de um mês de silêncio... (...) Quer dizer que você continua vivo e ocupado como sempre? Afora isso, não tenho tido muitas informações a seu respeito. (BEAUVOIR, 2000, p.340)

Mesmo assim, a autora decide passar o verão nos Estados Unidos. De modo que mora com o escritor de julho até o final de setembro, numa casa alugada à beira do lago Michigan.

Como podemos tomar conhecimento, através de notas explicativas, o encontro foi desastroso. E, no final da estadia, Beauvoir pensa que não tornaria a ver Algren, já

que ele pensava em se casar outra vez com a primeira esposa. A autora mencionou esse fatídico verão em *A Força das Coisas*, como podemos verificar no seguinte fragmento:

Algren, que revira alguns meses antes sua antiga mulher, disse-me que pensava em casar-se de novo com ela. Tudo bem. Afinal, o desespero esvaziara-me inteiramente, e eu não reagia mais. (...) “Nunca tornarei a vê-la. Nunca...” de novo no avião, entupi-me de belergal, sem conseguir conciliar o sono, com a garganta dilacerada pelo grito que não dei. (BEAUVOIR, 1995, p.205)

Depois dessa experiência, o casal se viu por mais duas vezes. A primeira em 1951, quando Beauvoir retornou à casa do lago. Antes da partida, em Saint- Tropez, no dia 11 de abril, ela escreve:

Meu muito doce. Como você foi amável por responder tão rápido e ter acertado minha ida em setembro. Obrigada, querido, definitivamente, não chorarei mais de uma vez por mês, nem morderei mais de uma vez por dia. Vou mostrar-me tão razoável quanto você é bonito, tão sábia quanto você é elegante; quanto ao meu valor como cozinheira... (BEAUVOIR, 2000, p. 401)

Apesar de toda a empolgação que antecedeu a viagem, Beauvoir passou a estadia, que durou de setembro a outubro, trabalhando em um ensaio a respeito do Marquês de Sade. E, quando ela está prestes a partir, afirma a Algren que estava feliz com a amizade dele. Ela, então, ouve a seguinte resposta: “Não se trata de amizade. Eu jamais poderia lhe dar senão amor.” (BEAUVOIR, 2000, p.421) De maneira que voltam a ser amantes e, depois desse episódio, a primeira carta escrita ainda em Nova York é, mais uma vez, a tentativa de Beauvoir de se justificar. O fragmento a seguir foi extraído da carta do dia 30 de outubro de 1951:

Senti-me culpada durante todo o tempo, sentimento dos mais amargos – o mais amargo talvez seja quando ele diz respeito ao homem que se ama verdadeiramente. Se eu o feri, ao abandoná-lo, também não deixei de me ferir. Temi, sem parar, que você pudesse pensar que eu me reservava a parte mais agradável de nosso amor sem me preocupar em deixar-lhe o lado desagradável. Não é verdade. Se fracassei em dar-lhe a felicidade que um grande amor deveria proporcionar,

também me senti muito infeliz; você me fez falta de todas as maneiras, em todos os instantes, e a ideia de meu erro, de seu possível rancor, por mais de uma vez me fez absolutamente infeliz. (BEAUVOIR, 2000, p. 422)

Algren, de fato, se casa novamente. Nos anos seguintes, ou seja, entre 1952 e 1954, foram poucas as cartas escritas por Beauvoir. Entretanto, a autora mantém o mesmo tratamento terno que sempre dedicou ao amado.

O ano de 1955 foi deveras importante para a carreira literária da autora, sobretudo por conta do prêmio *Goncourt* pelo livro *Os Mandarins*. Antes desse acontecimento, porém, em carta do dia 10 de dezembro de 1949, Beauvoir relata para seu interlocutor a importância dessa premiação na França:

Estamos em um período de grandes acontecimentos literários, aqui. É a entrega do *Goncourt*, prêmio anual mais importante que um romance pode receber, que automaticamente se torna um *best-seller*, com tiragem mínima de cem mil exemplares, cifra considerável na França. Glória e dinheiro para o autor. (BEAUVOIR, 2000, p. 299)

O título da obra aclamada pela crítica, *Os Mandarins*, faz alusão à elite chinesa aos altos funcionários do império chinês. No sentido figurado, entretanto, a palavra mandarim se refere ao indivíduo letrado e influente, ao personagem importante que exerce um poder absoluto em seu campo de conhecimento, à pessoa culta com muitos títulos, ao intelectual de renome.

A narrativa gira em torno da reconstituição dos debates políticos e intelectuais do pós Segunda Guerra. O livro foi dedicado a Agren e a ele foi atribuído o personagem do amante americano e a Sartre o de líder político e esposo oficial da heroína.

Em decorrência da fama do livro, o interesse em torno da autora aumentou demasiadamente, como ela mesma revela a Agren: “Após o prêmio *Goncourt*, os telefonemas, as cartas e o zunzum me puseram doente. É claro que é interessante sentir que as pessoas se interessam por você, mas, depois de um certo tempo, que carga!” (BEAUVOIR, 2000, p.503) Consequentemente, o interesse pela figura de Nelson Agren também aumentou. Beauvoir admite, em público, que colocou nesse romance de

ficção alguns detalhes que remetiam ao seu “amor americano”. Na mesma época, Beauvoir vivia com um homem mais jovem que ela, o também escritor Claude Lanzmann.

Algren, contudo, na mesma época, não atravessava uma boa fase. *O Homem do Braço de Ouro* é transformado em filme, mas não rende nada para o escritor que estava sendo espionado por conta de suas posições políticas, contrárias ao governo americano. Ele vivia os piores momentos de repressão da era McCarthy e estava sendo vigiado pelo FBI.

A Era Mccarthy, como sabemos, foi um período de grande perseguição anticomunista nos Estados Unidos e durou do fim da década de 1940 até meados da década de 1950. Havia, então, por parte do governo americano, um grande temor em relação à insurgência do Comunismo. De maneira que o macartismo se posicionou firmemente como uma política de “caça às bruxas” na área cultural. Atores, diretores, escritores que se colocavam a favor da União Soviética, durante a Guerra Fria, sofreram, na ocasião, pesadas perseguições. Entre os perseguidos, figurava Nelson Algren.

Além das questões políticas e financeiras, o escritor deseja se livrar do casamento mal sucedido. Em 1955, Beauvoir enviou ao interlocutor apenas 5 cartas, mas o tom extremamente afetivo ainda se conserva, como podemos comprovar a seguir:

Esse seu pesadelo precisa ter fim, ele vai ter fim, não se deixe assustar com o tempo que passa; no final de tudo, você estará mais forte. Como essa morte de que você fala não é a sua, em breve você vai reviver, aqui. Termine seu livro, compre uma passagem de avião, nós vamos arranjar-lhe uma jovem estudante parisiense para você andar de mãos dadas pelas ruas. (BEAUVOIR, 2000, p.504)

Em maio de 1956, o lançamento do novo livro de Algren coincide com a publicação da tradução americana de *Os Mandarins*. Quando lê a obra que lhe fora dedicada, Algren fica enfurecido por ter sido pintado como um estereótipo, ou seja, um escritor insuportável e sedutor. Os jornalistas vieram assediá-lo e numa das poucas vezes em que respondeu, declarou para a revista *Times*: “Uma boa romancista deveria ter o suficiente para dizer, de maneira que não houvesse necessidade de ir extrair de seu

próprio jardim secreto. Para mim, era uma relação bem simples e ela acabou com tudo.” (TIMES, 1956, apud Frain, 2013, p. 317)

Algren, então, enfurecido, faz declarações negativas à imprensa, rechaçando a exposição que Beauvoir lhe impôs, sem seu consentimento. Porém, meses depois, se desculpa, como podemos tomar conhecimento através da voz de Sylvie Le Bon de Beauvoir:

Em dezembro, ele se acha no fundo do poço, consciente de não ser ele mesmo, de haver perdido algo de essencial em suas lutas contra o casamento, seus editores, seus agentes, seus advogados e a falta de dinheiro. Algo de essencial, a pequena luz que o fazia viver e escrever. Teme perder definitivamente Simone de Beauvoir e, com esse espírito enlutado, não hesita em confessar que ela lhe faz uma falta cruel e que com ela viveu os mais belos dias de sua vida. Por que permitiu que ela se distanciasse? (BEAUVOIR, 2000, p.510)

Em 1960, o FBI parou de vigiar o escritor que conseguiu, enfim, o visto para visitar Beauvoir. Apesar da autora já ter se separado de Lanzmann e viver sozinha, ela se desdobrava na luta pela libertação da Argélia e também na organização da revista *Tempos Modernos*, além da preocupação com a saúde frágil de Sartre. Em agosto do mesmo ano, a autora anuncia ao hóspede que acompanharia Sartre numa viagem ao Brasil. Algren continua no apartamento dela, mas no final de outubro, volta para os Estados Unidos.

Em 1964, foi publicada a tradução americana de *A Força das Coisas*. Outra vez, um livro em que Beauvoir voltava a falar do seu “amor americano”. Na leitura da autobiografia, Algren teve a possibilidade de tomar conhecimento de que seu relacionamento não havia sido apenas triangular, como pensava anteriormente.

O livro mencionava também uma amante americana de Sartre: Dolores, que aparece na narrativa sob a inicial M. e é descrita como uma mulher que atormentava Beauvoir. No fragmento a seguir, a autora confessa a perturbação que a amante de Sartre lhe provocava:

Mas ele evocava com tanta alegria as semanas passadas com ela em Nova York que eu me preocupei; pensei que ele tivesse ficado seduzido, sobretudo pelo romanesco dessa aventura; perguntava-me, de repente, se ele não gostava mais de M do que de mim; não tinha

mais o otimismo ancorado no coração: tudo podia me acontecer. Numa união que durava mais de 15 anos, que parcela cabe ao hábito? Que concessões este implica? Eu tinha minha resposta: não a de Sartre. (BEAUVOIR, 1995, p.69)

Quando Algren toma conhecimento de alguns detalhes de sua história, que ele mesmo desconhecia, se sente enganado e rompe, definitivamente, a relação epistolar com sua amada.

Quando analisamos a carta que inaugura a relação epistolar, escrita em 23 de fevereiro de 1947, ao lado da última carta, escrita em novembro de 1964, percebemos que, de fato, há algumas diferenças que sinalizam que a troca epistolar não tinha mais motivação para se prolongar.

Na primeira carta, Beauvoir, descreve as sensações que vieram junto com o prazer da descoberta de novos afetos, bem como se revela ainda em dúvida quanto a continuidade dessa relação:

Desgostou-me dizer-lhe adeus, adeus talvez por toda a minha vida. Gostaria muito de voltar a Chicago em abril, falar-lhe de mim e ouvi-lo falar de você. Será que terei tempo? Além disso, fico me perguntando: se foi difícil nos deixarmos ontem, não será pior ainda nos separarmos após termos passado cinco ou seis dias juntos e após, certamente, nos termos tornado muito bons amigos? Não sei. (BEAUVOIR, 2000, p. 11)

Já na última carta, a autora fala de assuntos do cotidiano, como se conversasse com um velho amigo. Conserva ainda um tom amoroso, revestido, porém, de uma fina ironia: “Alain, ou Serge, me contou que você está usando elegantíssimas roupas – será você mesmo? (...) Dê notícias, sua fera velha, a menos que você esteja muito ocupado com vestir-se bem.” (BEAUVOIR, 2000, p. 552)

Na última carta, Beauvoir anuncia a Algren que certamente iria retornar aos Estados Unidos em maio de 1965: “irei encontrá-lo onde quer que você se esconda”. (BEAUVOIR, 2000, p.552) Entretanto, esse último encontro não aconteceu, em decorrência da Guerra do Vietnã, quando a autora e Sartre se engajaram na denúncia dos crimes de guerra cometidos pelos Estados Unidos.

Em 09 de maio de 1980, Algren foi acometido por um ataque cardíaco fulminante. Beauvoir morreu em 14 de abril de 1986. Apesar de todo rancor, declarado

aos quatro ventos, Algren não se desfez das cartas da amada, nem das fotos tiradas com ela. A autora, tampouco, destruiu a correspondência dele e ainda conservou na mão o anel que ele havia lhe dado e com o qual foi enterrada.

### III. SIMONE DE BEAUVOIR: UMA SINGULARIDADE REPARTIDA ENTRE A IDEOLOGIA E O SENTIMENTO AMOROSO

Quando Simone de Beauvoir parte para sua primeira visita aos Estados Unidos, possivelmente não previa que seria uma viagem sem volta. Entretanto, nem aquilo que deixou para trás permaneceu idêntico, nem ela continuou a mesma. Por assim dizer, toda vez que viajamos de modo ativo e potente, como ela o fez, curiosa por descobrir novos territórios, então, de fato, jamais retornamos. Uma vez iniciada a travessia, não podemos retornar ilesos para a nossa origem, porque já incorporamos outras tantas experiências distintas ao repertório da experiência individual.

Dessa viagem sem volta, como já vimos, nasce a escrita das cartas aqui analisadas. A correspondência parte, *a priori*, do exercício solitário de auto indagação da própria missivista. De acordo com a reflexão de Hannah Arendt retomada por Maite Larrauri, o pensamento é uma maneira de o indivíduo dialogar consigo mesmo, o que o torna um ser dual. De modo que, quando agimos, somos uma unidade, mas quando dialogamos conosco, somos dois-em-um. Pensar, pois, é uma atividade que se realiza mediante um retiro momentâneo do mundo dos sentidos. (LARRAURI, 2011, p. 21)

Entretanto, no caso das cartas, o pensamento clama pela participação silenciosa de um interlocutor. Então, mesmo quando há o ensimesmamento do sujeito, o pensamento não se transforma em pura vontade de isolamento, não separa o indivíduo, definitivamente, do mundo. Em contrapartida, torna possível a troca de ideias, de impressões e de sensações no espaço de confronto das opiniões plurais, ou seja, é uma condição para o bom funcionamento da vida política. (LARRAURI, 2011, p. 67)

Nesse sentido, quando se dedica à escrita da vasta correspondência remetida a Algren, Beauvoir tenta se revelar para seu interlocutor e, conseqüentemente, acaba por se revelar também para si mesma. Por esse motivo, a autora aparece sob algumas máscaras. O que pode ser entendido, num primeiro momento, como uma contradição. Entretanto, pensamos as cartas partindo da observação de um eu que se descobre em multiplicidade.

Para Deleuze e Guatarri (1995), todo indivíduo é uma singularidade e, como tal, deve sempre ultrapassar suas barreiras interiores, movimentando os contornos, a fim de abrir passagem para novas conexões, circuitos, trânsitos e devires. Dessa maneira, o

que é tido como mais importante na experiência humana é o que passa, trespassa, muda. Então, a vida passa a ser entendida como uma lógica do vir-a-ser e não do ser em si, ou seja, do ser fechado, definido e definitivo.

Quando pensamos que os indivíduos são singulares, podemos considerar, da mesma maneira, que as essências também são. Portanto, a vida que existe em cada um é um nível de potência, não algo fixo, mas dinâmico e em constante devir, em expansão e contração. Todavia, quando assumimos uma identidade, subordinamos o desenvolvimento de nossa potência de vida aos desejos, às ideias e às formas próprias dessa identidade. Não permitimos, pois, que prolifere em nós mesmos nada que não esteja de acordo com esse modelo estanque. A vida é, então, aprisionada, não havendo a possibilidade do devir.

O devir tem início quando rompemos com as linhas rígidas do ser. Todos os devires são minoritários e não guiados pelas identidades, já que cada um conduzirá sua experiência de uma forma particular e não pessoal. Segundo Monteiro (2009), “encontrar-se em devir é entrar em um processo de experiência para além da imitação, é lançar-se em busca do novo, da possibilidade do novo. Para tanto é preciso esquecer, desaprender o saber do já sabido.” (p.117)

Através do movimento dinâmico das cartas, constatamos que não devemos, pois, considerar Simone de Beauvoir como alguém que permanece sempre a mesma em todo o torvelinho de sua experiência de vida. Para muito além da estagnação, a autora aparece em constante fluxo, já que não para de se dividir intimamente, mudando sempre a natureza de suas direções e de seus querereres. Portanto, não deve ser considerada indivisível ou ainda como alguém que se coloca em contradição.

Podemos observar, dessa maneira, que Beauvoir, apesar de defender posicionamentos políticos e ideológicos muito claros e pontuais, não pareceu encarcerar sua singularidade num repertório de fórmulas rígidas e absolutas. Até mesmo evitou se prender às ideias do feminismo, movimento do qual é considerada, pela opinião pública, como uma das principais mentoras:

Nunca alimentei a ilusão de transformar a condição feminina; ela depende do futuro do trabalho no mundo, e não mudará seriamente senão à custa de uma subversão de produção. Foi por isso que evitei encerrar-me naquilo que se chama de “feminismo”. Também não propus um remédio para cada problema particular. Pelo menos ajudei

minhas contemporâneas a tomar consciência delas mesmas e de sua situação. (BEAUVOIR, 1995, p. 174)

No percurso das cartas, presenciemos uma autora que se revela consciente de suas transformações, influenciadas, em grande parte, pela experiência do afeto. É o que comprovamos a partir do seguinte fragmento em que se mostra sabedora da própria multiplicidade:

Em parte você me amou porque quando me encontrou, eu era uma mulher sábia. Ora, desde que eu passei a amá-lo, perdi toda a sabedoria, tornei-me tão tola quanto qualquer outra. Antes me preocupava pouco com o meu rosto ou com meu porte. Agora eu queria lhe levar ao Mississipi uma bela amiga, de boa aparência, jovem, elegante, fresca. De qualquer modo, pegue-me como eu estiver. Meu querido, eu o amo da maneira mais tola do mundo, nestes dias. (BEAUVOIR, 2000, p.173)

A transformação interna da autora também provocou sua mudança exterior, na medida em que se torna alguém mais preocupada com a aparência física, como ela mesma declara acima. Assim, o cuidado com a aparência passa a ocupar um lugar relevante nas suas preocupações cotidianas. A própria autora conta em *A Força das Coisas* seu pouco interesse pela vaidade num período anterior à união com Algren:

Genet reprovava-me a simplicidade das minhas roupas; Simone Berriau me disse, certo dia: “Você não se veste muito bem!” Em Portugal, eu sentira prazer em montar um guarda-roupa; achava bonitas as coisas bonitas; mas o culto da elegância implica um sistema de valores que não era muito o meu. E depois, o dinheiro podia servir para coisas demais, para que eu não tivesse escrúpulos em gastá-lo em toaletes. (BEAUVOIR, 1995, p. 113)

Podemos dizer, desse modo, que Beauvoir quer seduzir o amado não só pela peculiaridade de sua atividade intelectual, mas também pela beleza física. Assim, ela passa a colocar o mundo íntimo lado a lado com o mundo da coletividade.

No jogo entre Beauvoir narradora e Beauvoir objeto da própria escrita, temos a oportunidade de presenciar uma busca incessante pelo autodescobrimento, realçando a maneira como o mundo afeta e altera, sem cessar, a singularidade dela. Desse modo, se a mudança do eu é constante, a descrição de suas ideias, seus desejos, seus modos de vida deve também acompanhar os passos dessa mutação.

A missivista busca, então, construir uma imagem que contemple a multiplicidade que habita, movimenta sua personalidade e a inunda, como a seguir: “Querido, se você insistir na ideia de que existem duas mulheres em mim, esteja certo de que as duas o amam e que talvez a mais amável não seja a mais inteligente” (BEAUVOIR, 2000, p.109)

A reflexão, como já vimos anteriormente, faz parte do processo de elaboração da escrita epistolar. De modo tal que a aproximação das próprias impressões, bem como dos próprios sentidos faz surgir a possibilidade de fixá-los e a urgência de colocá-los para fora de si, transmitindo uma mensagem ao interlocutor.

Friedrich Nietzsche (2012) pondera que há uma certa ilusão em pensar o indivíduo como indivisível. Podemos comprovar tal ideia a partir das seguintes palavras do filósofo: “(...) nosso corpo não é mais que uma coletividade de numerosas almas.” (p.30) O autor ainda nos apresenta a ideia de que um corpo vive como produto contingente da pluralidade de forças irreduzíveis que o compõem. A suposta unidade corpórea deriva, dessa maneira, de um acontecimento que é múltiplo.

Assim como o eu, o desejo também não possui uma característica unilateral, já que o querer, na percepção do filósofo alemão, se constitui de uma gama de sentimentos misturados que se contaminam:

(...) em todo querer há, antes de tudo, uma multiplicidade de sentimentos: o sentimento do ponto de partida da vontade, o sentimento da finalidade, o sentimento do “vai e vem” entre esses dois estados; em seguida, um sentimento muscular concomitante que, sem por em movimento “braços e pernas”, entra em jogo desde que o “queiramos”. (NIETZSCHE, 2012, p. 29)

Quando o corpo se subjetiva, ele não passa de uma multiplicidade de sujeitos lutando entre si, dando forma à diferentes maneiras de se dizer o eu. Tal qual Beauvoir escreve para o amado em fragmento a seguir:

Também quero tudo da vida: ser uma mulher e também um homem, ter muitos amigos e também a solidão, trabalhar muito, escrever bons livros, e também viajar, divertir-me, ser egoísta e também generosa... você vê, não é fácil tudo o que quero. Ora, quando não consigo isso tudo, torno-me louca de raiva. (BEAUVOIR, 2000, p. 37)

Partindo do fragmento acima, é possível dizer que há sempre um eu que pensa, mas, nesse processo, também aparece um outro que diz. Entretanto, aquele que diz eu só passa a viver de fato quando nasce um outro que o destitui desse poder de dizer eu. A tal ponto que assistimos a nada mais que a assinatura desses eus que habitam aquele que se inscreve no próprio texto.

Por essa razão, Deleuze e Guattari (1995) rogam que não nos pensemos mais como pessoas constituídas na experiência, mas antes como um centro de indeterminação:

Ora, o nome próprio não designa um indivíduo: ao contrário, quando o indivíduo se abre às multiplicidades que o atravessa de lado a lado, ao fim do mais severo exercício de despersonalização, é que ele adquire seu verdadeiro nome próprio. O nome próprio é a apreensão instantânea de uma multiplicidade. O nome próprio é o sujeito de um puro infinitivo compreendido como tal num campo de intensidade. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 51)

Dessa maneira, podemos notar que não é apenas um eu que pensa, mas sim tal personagem que pensa naquele que se conta, quebrando qualquer monólogo, qualquer solidão de apenas um eu pensante.

Assim como Beauvoir se traduz em múltiplas facetas, por diversas vezes, notamos também que algumas de suas certezas aparecem deslocadas. Tal como podemos comprovar no trecho abaixo em que a autora se revela bem irônica:

Para lhe confessar a verdade, admito perfeitamente que a igualdade de sexos não passa de um mito, jamais pensei sinceramente em que você me fosse um igual, e só o afirmei por mera polidez. Eis como encaro a situação: ao longo deste próximo inverno, eu estarei com você, você estará comigo; quando você estiver feliz, eu também estarei; todas as vezes em que você dormir comigo, eu dormirei com você. Isto não é igualdade? Ou será que um de nós dois fará amor com o outro mais frequentemente que o outro com um? (BEAUVOIR, 2000, p. 346)

No diálogo epistolar, Beauvoir disponibiliza para o outro algumas faces do seu desejo. Para tanto, recorre a estratégias textuais que deixam transparecer que se despe, até mesmo, de algumas de suas certezas. O que estremece, mesmo que ironicamente, alguns dos conceitos difundidos pelo pensamento existencialista, como, por exemplo, o respeito à liberdade individual do outro.

Em relação à fidelidade, observamos que a autora se posiciona de maneira bem diversa. Ao mesmo tempo em que parece entender que o amado tem direito a outras experiências sexuais, também se revela como uma mulher ciumenta, insegura. É o que podemos entender a partir de carta do dia 18 de maio de 1947 em que trata, mais uma vez de maneira irônica, do sentimento de posse do outro:

Por favor, por favor, não leve a falsa loira ao nosso ninho. Ela tomará o meu uísque, comerá os meus doces ao rum, dormirá em minha cama, e também com o meu marido. Além disso, como nossa casa em Wabansia é o melhor lugar do mundo, ela jamais vai querer ir embora. (...) É claro que estou brincando, meu querido. Faça o que você quiser, eu não cercearei sua liberdade. (BEAUVOIR, 2000, p. 79)

Além de deslocar algumas certezas de lugar, Beauvoir também ultrapassa o acordo acertado com Sartre que previa que a experiência com amores contingentes deveria ser transitória. Algren, dessa maneira, passa a ocupar uma posição que subverte a lógica binária: amores contingentes/ amor necessário, uma vez que o amor americano vai se tornando também necessário à medida que a relação entre os dois vai ganhando permanência na vida da autora.

Em *A Força das Coisas*, Beauvoir nos conta que, para Sartre, o pacto firmado entre eles também sofreu abalos consideráveis. E, conseqüentemente, esse

estremecimento provocado pelo interesse vivaz de Sartre por outra mulher deu força para que a autora investisse na relação com o escritor americano:

Deveria eu ter recusado essa história e me limitar à simpatia que Algren me inspirava? [...] Eu tinha uma consciência incomunicável dos meus laços com Sartre; no início, os dados estavam marcados: as palavras mais verdadeiras traíam a verdade. Mas, também neste caso, a distância encurralava para o tudo-ou-nada: não atravessamos o oceano, não nos separamos de nossas vidas durante semanas, por simpatia; esta só poderia durar transformando-se num sentimento mais violento. Não lamento que este tenha existido. Enriqueceu-nos muito mais do que nos dilacerou. (BEAUVOIR, 1995, p.148)

O modelo de relacionamento liberal acordado entre Beauvoir e Sartre não se mostrou, como vimos, totalmente estático. Pelo contrário, se revelou vivo, já que não parou de se erigir, de se entranhar com outros afetos, de se alongar, de se romper e se retornar. Por esse ponto de vista, podemos entender que Beauvoir imprimiu um sentido rizomático à sua experiência individual. (DELEUZE e GUATTARI, 1995). De maneira que, no momento em que a autora parece escapar da oposição binária (amor necessário/ amores contingentes) e incorporar experiências distintas ao seu repertório, enxergamos nela uma multiplicidade em estado latente.

Como nos propõe Deleuze e Guattari (1995), a cultura rizomática multiplica as relações colaterais, porque cresce e se expande além dos limites da própria força. Seu território não conhece barreiras, mas ocupa vários espaços ao mesmo tempo. Não cria raízes, ao contrário, se movimenta entre os espaços, invadindo o que antes era murado e fixo. Tal como uma grama que se movimenta entre as coisas.

É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início, nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 37)

Imprimir um sentido rizomático à experiência de vida pode ser compreendido, dessa forma, como um mover incessante. Tal qual uma erva daninha, se movimentando no entre das coisas, desconsiderando tudo o que impede o indivíduo de se recriar. Assim como fez Beauvoir ao transitar no meio do que se convencionou chamar amores contingentes e amor necessário. A própria autora admite, para seu interlocutor, reconhecer a potência do sentimento que foi ganhando força para além das convenções burguesas: “Sim, meu querido, nosso amor cresce como erva daninha, tenho medo que não pare, que se torne um gigante, um monstro: faremos o que pudermos com ele.” (BEAUVOIR, 2000, p. 174)

Beauvoir aparece, na epistolografia, sempre disposta a superar-se, consciente das próprias multiplicidades que coexistem, se interpenetram e provocam sua transformação. Então, a despersonalização, ao contrário do que sugere a *doxa*, não necessariamente se constitui como sinal de fraqueza, mas sim como uma alavanca para a potência criadora da autora, como estratégia de convencimento do outro.

A fragilidade demonstrada nas cartas não é, como vimos, sinônimo de impotência diante do mundo. Pelo contrário, dá mais sabor à sensibilidade de Beauvoir, porque admiti-la parece pertencer também ao jogo de persuasão do seu interlocutor, como a seguir:

Uma vez você me perguntou se eu era do tipo mulher infantil ou do tipo mulher razoável. Não creio que eu seja pueril, mas estou certa de não ser razoável. Uma mulher razoável não sentiria tão aflitivamente a sua falta. (...) Não, não sou razoável, sou até um pouco fraca. (BEAUVOIR, 2000, p. 235)

Quando se coloca em desvantagem diante do outro, a autora nos revela, no mesmo movimento, uma subjetividade forte em toda sua profundidade que não nega as antíteses inevitáveis da existência humana.

Assim como quer Nietzsche:

Todo espírito profundo necessita de uma máscara. Diria ainda mais: em torno de todo espírito profundo, cresce e se desenvolve sem cessar uma máscara, graças à interpretação sempre falsa, isto é, superficial,

de cada uma de suas palavras, de cada uma de suas atitudes, do menor sinal de vida que der. (NIETZSCHE, 2012, p. 52)

Na escrita de si, assistimos a um modo de figuração que privilegia o eu num processo de representação retórica. Apesar de as cartas proporem a reprodução da vida e dos desejos de um indivíduo, seu caráter mimético pode ser relacionado a um disfarce da linguagem, uma vez que o eu é uma figura retórica, uma máscara utilizada por um sujeito real.

Assim como quer Figueiredo (2013), a separação entre o personagem, a missivista e a autora já é uma tarefa difícil, entretanto, a figura da escritora também já se configura como uma ficcionalização, como podemos observar na reflexão a seguir:

(...) não há como escrever sem organizar, selecionar, dar ênfase, ocultar ou velar, criar um certo suspense de maneira a manter o interesse do leitor; em suma, a escrita literária exprime, paradoxalmente, a verdade e a mentira. (FIGUEIREDO, 2013, p.11)

A missivista parece, assim, escrever um retrato fiel de si mesma, contudo, está elaborando um exercício de linguagem. A vida, no discurso epistolar, não pode ser reproduzida, mas sim recriada esteticamente, uma vez que um personagem autobiográfico não pode ser idêntico ao narrador. De maneira que é quase impossível captar, em palavras, toda a complexidade de alguém.

As personagens recriadas esteticamente, portanto, habitam um universo menos complexo, porque as ações descritas podem ser reflexionadas, com tranquilidade, e, então, explicadas. Ao contrário do turbilhão dos acontecimentos cotidianos para os quais, muitas vezes, não conseguimos achar explicação de imediato.

O encontro com Algren possibilitou que Beauvoir se recriasse nas cartas enviadas a ele. E, além disso, a autora teve a oportunidade de entender que à medida que se deixou invadir por uma singularidade tão distinta da sua, seus contornos também foram redimensionados. O encontro pode ser entendido como devir, já que, no amor, há uma mistura de um corpo no outro, bem como de ideias que se unem a outras, assim como ressalta Deleuze e Guattari (1995):

O que quer dizer amar alguém? É sempre apreendê-lo numa massa, extraí-lo de um grupo, mesmo restrito, do qual ele participa, mesmo que por sua família ou por outra coisa, e depois buscar suas próprias matilhas, as multiplicidades que ele encerra e que são talvez de uma natureza completamente diversa. Ligá-las às minhas, fazê-las penetrar nas minhas e penetrar as suas. (...) Não existe amor que não seja um exercício de despersonalização sobre um corpo sem órgãos a ser formado; e é no ponto mais elevado desta despersonalização que alguém pode ser *nomeado*, recebe seu nome ou seu prenome, adquire a discernibilidade mais intensa na apreensão instantânea dos múltiplos que lhe pertencem e aos quais ele pertence. (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 49)

A união contingente do casal se transforma, gradativamente, em algo forte. Imprevista, porque, antes da experiência, não temos certeza da força que um encontro como esse é capaz de gerar. Barthes nos sugere que o amor está em sintonia com Dionísio, mesmo quando o sofrimento aparece.

Dionísio nos é apresentado por Monteiro (2009) como o ser do devir, o autor ainda propõe que:

O incessante retorno da vida se dá porque a vida é sempre outra e por isso a vida vive. Dionísio é o deus da alegria e da dor, que afirma e sofre a vida sem julgá-la, sem submetê-la a uma moral pré-empírica. Dionísio é a criança que nasce a cada momento. Brinca e sorri. Machuca-se e chora. (MONTEIRO, 2009, p. 109)

Em razão dos aspectos dionisíacos do amor, a união entre Beauvoir e Algren não se revelou totalmente paradisíaca. A dor e a angústia, geradas, sobretudo, pela distância física, apareceram em muitos momentos. Como ela mesma relata para o público, derrubando, assim, as paredes que protegiam sua faceta de mulher apaixonada e arrebatada pela dor da separação:

Não era impossível voltar a Chicago, já que não mais havia o problema do dinheiro; mas não seria melhor renunciar? Perguntava-me isso com uma ansiedade que beirava o desvario. Para me serenar, tomei calmantes; na hora, isso me equilibrava; mas supondo que esse expediente não foi estranho às angústias que conheci na época;

fundadas, reais, minhas preocupações poderiam ao menos conter-se dentro de formas discretas: ora, elas eram acompanhadas de um desequilíbrio físico que meus maiores desesperos nunca haviam provocado, mesmo quando o álcool os ampliara. (BEAUVOIR, 1995, p. 120)

Entretanto, para além de todas as angústias e divergências de pensamento com o amado, a autora manteve na correspondência o mesmo tom terno da missiva inaugural. De modo que o amor, muitas vezes explicitado, dela por seu dessemelhante foi recorrente nessa relação epistolar que ora analisamos. Assim, no desejo de fazer germinar o afeto no outro, de criar uma intimidade mais profunda, Beauvoir deixa transparecer, na correspondência, algumas marcas.

É o que podemos pensar a partir do ensaio intitulado *Pensamento, Corpo e Devir* em que Suely Rolnik (1993) considera que as marcas são como estados inéditos vividos no nosso corpo. Dessa maneira, quando encontramos com outros corpos, as diferenças nos obrigam a sair de nós mesmos para nos tornarmos outros. Por assim dizer, cada qual destes estados inéditos passa a constituir uma diferença que nos é peculiar, abrindo possibilidades para a criação de um corpo novo que seja capaz de abrigar um novo estado de coisas. O que significa que cada marca traz em si a gênese de um devir. (ROLNIK, 1993, p. 2)

Podemos, então, pensar que, no contato com o diferente, os fluxos que constituem nossa figura vão interagindo com outros fluxos, somando e formando novas composições. Os contornos de nossa individualidade, portanto, vão sendo alterados e imprimindo a exigência de criarmos um corpo outro que modifique nossa maneira de pensar, de agir, de sentir. Nos tornamos, desse modo, alguém diferente do que éramos outrora:

E assim vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo. Em outras palavras, o sujeito engendra-se no devir: não é ele quem conduz, mas sim as marcas. O que o sujeito pode, é deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização - e quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência. (ROLNIK, 1993, p. 3)

Como podemos observar no fragmento acima, não é o indivíduo que conduz o devir, mas as marcas que o constituem. E, assim, sua potência é aumentada, já que forças vão sendo somadas a partir da aproximação com o novo.

A potência, à luz de Nietzsche, pode ser compreendida como um mar de forças que ocupa todos os lugares. Tais forças vão fluindo e correndo juntas, a fim de provocar a eterna mudança do indivíduo. Nessa dinâmica, as forças mais simples se juntam às mais complexas, constituindo uma autocontradição e depois retornando para a simplicidade. Nessas contradições, o devir não conhece “saciedade, desagrado ou cansaço: este, meu mundo dionísíaco da autocriação eterna, da autodestruição eterna... sem objetivo... Este mundo é a vontade de potência – e nada mais!” ( NIETZSCHE, 2012, p.105)

Beauvoir se deixou invadir pelas marcas de maneira bem potente, porque se permitiu ultrapassar a própria subjetividade para se tornar outra na colisão com corpos, lugares, ideias, modos de ver, sentir e agir distintos dos seus. Como podemos comprovar a partir de seus relatos, tanto nas cartas remetidas a Algren, quanto na polêmica autobiografia *A Força das Coisas*, como mostra no excerto a seguir:

Quanto mais caminho, mais o mundo entra na minha vida até fazê-la explodir. Para contá-la eu precisaria de 12 pautas; e de um pedal para sustentar os sentimentos – melancolia, alegria, mágoa – que coloriram pedaços inteiros dela, através das intermitências do coração. Em cada momento se refletem meu passado, meu corpo, minhas relações com outrem, meus empreendimentos, a sociedade, toda a terra; ligadas entre si, independentes, essas realidades por vezes se reforçam e se harmonizam, por vezes interferem, contrariam-se ou se neutralizam. (BEAUVOIR, 1995, p. 244)

Dessa maneira, quando uma individualidade é afetada por uma marca, outras marcas inusitadas podem aparecer ou as marcas que já estavam ali, provocando um desassossego, podem ser reativadas.

De qualquer maneira, uma marca pode provocar desassossego, uma vez que exige que o sujeito se remodele. Podemos observar tal ideia personificada no percurso da correspondência de Beauvoir, como a seguir:

Tão poucas coisas valem realmente a pena o nosso tormento e eis que você me deu uma segunda juventude, um maravilhoso amor provinciano que se tornou internacional. Tudo foi tão admiravelmente harmonioso, que até agora fico maravilhada. Você até me amedronta um pouco: se é tão astucioso, poderá também me tornar muito infeliz. (BEAUVOIR, 2000, p. 163)

Assim, como vimos, quando uma marca é criada ou reatualizada, o indivíduo pode ser atraído por sua reverberação e impulsionado a inventar um corpo outro que encarne o processo de transformação pelo qual passou. É o que, então, acontece à autora quando declara ao amado que o sentimento inesperado lhe provocou uma segunda juventude. Nesse caso, a autora se revela, mergulhando no devir e tendo a oportunidade de vivenciar estados ainda inexplorados por ela.

O ato da escrita, ainda de acordo com o pensar de Rolnik (1993) é, em geral, exigido e conduzido pelas marcas. Escrever se torna, então, um meio de transporte do indivíduo para o universo do invisível. As palavras, assim, passam a ter a força de tornar mais palpável a diferença que, antes, só existia no impalpável. A escrita, por assim dizer, também traça um devir, como podemos constatar abaixo:

Escrever é esculpir com palavras a matéria-prima do tempo, onde não há separação entre a matéria-prima e a escultura, pois o tempo não existe senão esculpido em um corpo, que neste caso é o da escrita, e o que se escreve não existe senão como verdade do tempo. Uma outra imagem ainda, para tentar dizer a mesma coisa: escrever é fazer letra para a música do tempo; e é esta música, sempre singular, que nos indica a direção da letra, que seleciona as palavras que transmitam o mais exatamente possível seus tons, seus timbres, seus ritmos, suas intensidades. (ROLNIK, 1993, p. 9)

Além disso, a carta de amor apresenta uma dialética muito particular: vazia e expressiva ao mesmo tempo, porque cheia de vontade de expressar o desejo, mas ao mesmo tempo, escrita a partir da ausência. Dessa maneira, a correspondência sentimental se configura como um empreendimento taticamente calculado, destinado a defender posições e a assegurar a conquista do outro, assim como nos revela Roland Barthes (2001):

(...) esse empreendimento deve conhecer os pontos (os subconjuntos) do conjunto adversário, quer dizer, detalhar a imagem do outro em vários pontos em que a carta deverá tocar (trata-se na verdade de uma correspondência, no sentido quase matemático do termo). Mas, para o enamorado, a carta não tem valor tático: ela é puramente *expressiva* – para ser exato, elogiosa (mas o elogio aqui é desinteressado: é apenas a fala da devoção); o que estabeleço com o outro é uma *relação*, não uma correspondência: a ligação liga duas imagens. (BARTHES, 2001, p. 60)

Assim como nos propõe Barthes (2001), o sujeito apaixonado, aquele que se declara para o outro e diz “eu te amo”, está do lado do “gasto”, na medida em que gasta a palavra como se fosse ofensivo que ela se recuperasse em outro lugar. Aquele que fala amorosamente está situado no grau zero da escritura, ou seja, no extremo da linguagem, onde as palavras se jogam sem proteção, sem rede. Dessa maneira, não há escapatória, porque não há metáfora, nem ambiguidade, já que dizer eu te amo não quer dizer outra coisa senão eu te amo, como o autor declara a seguir:

Assim como o *amém* está no limite da língua, sem ligação com seu sistema, tirando dela sua “capa reativa”, também o proferimento de amor (eu-te-amo) está no limite da sintaxe, aceita a tautologia (eu-te-amo quer dizer eu -te -amo) afasta a servidão da Frase (é apenas uma holofrase). (BARTHES, 2001, p. 157)

Na correspondência, tomamos ciência de que Beauvoir, apesar de parecer, por vezes, irracional, domina as estratégias de sedução que compõem o processo de elaboração da própria escrita, como a seguir: “Bem, chega de mentiras por hoje. Não, lá vai a última: você é o mais doce dos homens, eu o conservo por inteiro no meu coração.” (BEAUVOIR, 2000, p. 407). Dessa maneira, a autora torna a sedução do outro também divertida, porque colore sua sentimentalidade com ironia.

Por assim dizer, as cartas podem ser entendidas como uma “cenografia da espera”, já que, nelas, um pedaço do tempo é recortado para provocar no outro os

efeitos de um “pequeno luto”, o que realça os sentimentos que a ausência provoca. (BARTHES, 2001, p. 144).

No trecho de correspondência a seguir, podemos observar que a autora verbaliza a angústia que a atormenta:

Estou feliz por estar tão infeliz, porque sei que você também está, e como é doce compartilhar essa tristeza. Com você o prazer foi amor; agora a dor também é amor, e será preciso que nos confrontemos com todas as faces do amor. A alegria dos reencontros, nós a conheceremos, eu a quero, tenho necessidade dela, eu a terei. Espere-me. Eu o espero. (BEAUVOIR, 2000, p. 15)

Percebemos, então, uma linguagem que deixa transparecer a inflação da afetividade, já que as cartas vão ganhando vida a partir do desejo, do imaginário, das declarações imbuídas de grande passionalidade.

Dessa maneira, a linguagem transborda, mas, ao mesmo tempo, se torna pobre perante o sentimento singular e incomparável do indivíduo, excessivas e pobres, ao mesmo tempo, as palavras chegam a ser inadequadas, tão especial e peculiar é a experiência do indivíduo que se inscreve.

Falar amorosamente é praticar uma relação sem orgasmo, já que o amante tece a linguagem como se fosse a própria pele a se esfregar no outro. Como se a escrita fosse a extensão do próprio corpo daquele que se inscreve no texto, o que provoca sensações no interlocutor, como afirma Barthes (2001):

É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos nas pontas das palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contato: de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidência um significado único que é “eu te desejo”, e liberá-lo, alimentá-lo, ratificá-lo, fazê-lo explodir (a linguagem goza de se tocar a si mesma); por outro lado, envolvo o outro nas minhas palavras, eu o acaricio, o roço, prolongo esse roçar, me esforço em fazer durar o comentário ao qual submeto a relação. (BARTHES, 2001, p. 64)

Com efeito, em carta do dia 24 de julho de 1947, Simone de Beauvoir demonstra querer seduzir Nelson Algren, transformando, pois, a escrita em ato físico:

O que eu escrevo me é indiferente, o simples fato de lhe escrever é que me agrada, é como se eu o beijasse, alguma coisa física. Sinto meu amor por você nos meus dedos que lhe escrevem, é bom sentir o amor não importa qual parte viva do nosso corpo, não apenas na cabeça. (...) Então escrevo não importa o quê, veja você, bobagens, simplesmente para não dizer adeus! (BEAUVOIR, 2000, p. 33)

Em muitos momentos da epistolografia, Beauvoir delira, transbordando sua sentimentalidade, o que deixa transparecer que sua escrita é atravessada pela irracionalidade. Entretanto, a própria autora declara ter consciência de sua tolice, embora não a censure, assim como a seguir:

É idiota escrever cartas de amor, o amor não se pode dizer por cartas, mas o que fazer quando esse horrível oceano se estende entre a gente e o homem que a gente ama? O que eu poderia lhe mandar? As flores fenecem; os beijos, as lágrimas não podem ser enviados. Apenas as palavras, mas me expresso mal em inglês. (BEAUVOIR, 2000, p. 23)

Quando fala amorosamente, Beauvoir busca despertar o desejo de seu interlocutor, porque anuncia um aspecto secreto de dela mesma. A exasperação do afeto, assim, perturba o estado da missivista, uma vez que o excesso derruba os limites e impulsiona à transcendência de si.

Apesar de a sentimentalidade ser ironizada e depreciada pela esfera de poder, quando o sujeito apaixonado assume suas mesquinhas, se coloca num ato de transgressão do senso comum. Tal qual nos revela Barthes (2001), a sentimentalidade do amor deve ser assumida como uma transgressão forte, porque a exposição deixa aquele que ama sozinho e desprotegido diante a opinião dos outros. (p. 232)

Nessa transgressão, uma perversão é produzida, porque já não é o sexual que é tido como obsceno, mas o sentimental, configurando-se, pois, como o “obsceno do amor”. Na análise de Barthes, essa inversão de valores, aparece, então, como uma nova

moral que expulsa do discurso tido como interessante toda a confissão amorosa do indivíduo que se diz apaixonado.

O autor ainda pondera que tudo o que é anacrônico é tido como obsceno, na medida em que a História age cerceando o indivíduo, impedindo-o de agir fora do que é considerado como tempo interessante. De modo que só é tido como relevante aquele tempo que é usado para o útil, para o inteligível, para o racional:

Do passado só suportamos a ruína, o monumento, o kitsch ou o nostálgico, que é *divertido*; reduzimos esse passado a apenas sua marca. O sentimento amoroso está fora de moda, mas esse fora de moda não pode nem mesmo ser recuperado como espetáculo: o amor fica fora do tempo interessante; não lhe pode ser dado nenhum sentido histórico, polêmico; é nisso que ele é obsceno. (BARTHES, 2001, p. 235)

Na medida em que o discurso amoroso pode, superficialmente, parecer sem grandeza, pode também ser considerado grandioso, porque transcende os padrões socialmente aceitos. Por esse ponto de vista, quando Beauvoir se expõe sentimentalmente, se revela como uma individualidade forte o suficientemente para revelar suas mesquinharias. Nas cartas da autora, portanto, o amor é expresso como valor, como podemos comprovar no fragmento a seguir:

Vou me exprimir melhor: neste exato momento, neste minuto, escolho não pensar em nada além de você entrando no quarto rosa e me pegando em seus braços, como marido e mulher. Nelson, você não pode saber, embora saiba muito a meu respeito, o que significa para mim ter-me sido concedido algo tão precioso quanto o nosso amor. Foi você que o iniciou e, mesmo que eu me torne aquela que ama mais, dos dois, eu lhe serei eternamente grata, mesmo que um dia eu sofra por causa deste amor. (BEAUVOIR, 2000, p. 77)

Entretanto, à medida que o sujeito se revela no discurso sentimental, expondo a parte sentimental de si, considerada insignificante, a própria escritura o esvazia, o torna patético, assim como podemos ver na carta a seguir:

Se você quiser saber exatamente até que ponto eu o amo, faça o cálculo do número de signos utilizados por mim: quantos as, quantos bês, etc. Pegue essa cifra, multiplique-a por 10.345 e você obterá aproximadamente o número de beijos que eu gostaria de lhe dar durante a vida. (BEAUVOIR, 2000, p. 151)

O interdito do falar amorosamente se impõe em detrimento da sensibilidade. Como se a linguagem afetiva não fosse o efeito de um cálculo, mas de estados sensíveis, irracionais, como a paixão, por exemplo: o que seria um fator de rebaixamento do indivíduo. George Bataille (1987) nos propõe, entretanto, que todo interdito existe para ser transgredido.

A transgressão, na visão do autor, não é a negação do interdito, mas uma maneira de ultrapassá-lo, excedendo, sem destruir, as barreiras impostas. A liberdade no expressar chega mesmo a ser a justificativa da transgressão, bem como sua origem. Se o interdito deixa de agir, a transgressão deixa, então, na mesma medida, de se tornar possível, porque são forças opostas, bem como complementares. (BATAILLE, 1987, p. 42)

Bataille ainda nos revela que o excesso está, largamente, distante da razão, já que a razão se liga ao trabalho ou à atividades utilitárias. A volúpia, entretanto, zomba da razão, porque há um dispêndio de energia que é excessivo em sua essência. A volúpia do amor, dessa maneira, conduz o indivíduo à ternura, mas também à desordem, a uma sede provocada pela necessidade do outro. Diz o autor:

Essencialmente, o amor eleva o gosto de um ser por um outro a esse grau de tensão em que a privação eventual da posse do outro – ou a perda de seu amor – não é sentida menos duramente que uma ameaça de morte. Assim, ele tem por fundamento o desejo de viver na angústia, em presença de um objeto de valor tão grande que aquele que teme perde-lo sente o coração falhar. (BATAILLE, 1987, p. 156)

O amor, por esse ponto de vista, não é o desejo de perder o outro, mas o receio de viver na iminência de sua perda. De maneira que o amante, mantendo o amado à beira do esgotamento, provocado pelo excesso da linguagem sentimental, pode fazê-lo sentir toda a violência desse encantamento.

De acordo com Bataille (1987), a experiência do amor pode ser violenta, porque decompõe aquele que ama, excluindo-o da reflexão tranquila, na medida em que seu princípio pode ser entendido como um colocar o indivíduo para fora de si. Assim, o fato de nos mantermos abertos a uma possibilidade que provoca a descontinuidade de nós mesmos subordina o trabalho reflexivo a qualquer outra coisa, onde, por assim dizer, a reflexão para. ( p. 168)

Todavia, a despeito do que diz Bataille, Simone de Beauvoir, ao se declarar passionalmente para seu interlocutor, deixa transparecer que o arrebatamento pode ser fruto da reflexão, pode fazer parte de jogos de linguagens elaborados de maneira estratégica para provocar o sentimento do outro. Mesmo revelando toda a força de sua passionalidade, a autora demonstra, da mesma maneira, estar consciente disso. E, através da linguagem, subverte a lógica racional das coisas, porque se mostra irracional de maneira racionalmente calculada.

Podemos pensar assim que Beauvoir se posiciona do lado dos fortes, negando o interdito, ultrapassando a vergonha daqueles que se revelam apaixonados. A autora não pode sustentar essa negação a não ser através da elaboração da escrita das cartas. Dessa maneira, ultrapassa até mesmo o espaço fechado da intimidade, como já vimos anteriormente, destruindo alguns dos obstáculos que protegiam sua privacidade da curiosidade alheia.

Na leitura da correspondência, um dos desafios que se nos apresenta é nos despir dos centramentos teóricos construídos a partir da ideia de uma fronteira, praticamente fixa e irremovível, entre a figura da intelectual renomada, que defende o direito feminino de controlar a própria vida, e uma mulher apaixonada, muitas vezes, colocando-se em posição de dependência do outro.

Além disso, há a tendência de pensarmos que um indivíduo consagrado pela firmeza de suas ideias deveria se encarcerar em suas próprias certezas, não se permitindo agir passionalmente. Entretanto, na epistolografia, Beauvoir se revela como alguém arrastado para fora de si pelo desejo, o que a leva a transcender os próprios limites. De modo que percebemos um desequilíbrio interior provocado pela tensão entre o permanecer em sua terra de origem, abdicando da convivência com Algren, e o partir para viver o amor dentro dos contornos, *a priori*, confortáveis de uma união convencional.

Independentemente das escolhas que se apresentam a ela, Beauvoir quer, pois, também se tornar desejada pelo objeto de seu desejo. E, para tanto, apresenta sua

existência e sua sentimentalidade para o interlocutor através da elaboração da palavra escrita. Assim, a experiência do inusitado com Algren se situa fora da vida ordinária, o que a força a alimentar uma correspondência permeada pela riqueza estética. De maneira que podemos observar que a reflexão da autora sobre si e sobre o outro faz parte de estados de emoção bem intensos. Contudo, existe em sua essência um gosto em se perder, sem, no entanto, naufragar. Apesar de todo o arrebatamento que o amor por Algren lhe provocou, Beauvoir não deixou de manter o controle de sua vida nas próprias mãos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A popularização do acesso à internet fez com que o hábito de emitir cartas se tornasse raro por conta da comodidade e da rapidez de enviarmos uma mensagem por e-mail e, até mesmo, via celular. E, no momento em que as cartas foram escasseando, descobrimos nelas um objeto tão precioso, quanto fantástico.

Em meio à cultura rápida e, muitas vezes, descartável dos nossos tempos, as cartas ainda teimam em resistir, revelando-nos acontecimentos e emoções de gerações longínquas. E, se o virtual impera, a figura do carteiro ainda sobrevive, carregando a marca da tradição epistolar, da verbalização do indivíduo a partir da própria reminiscência.

As cartas de outrora, além de conterem informações que nos ajudam a compreender um pouco mais do tempo que se foi, carregam em si cheiros, sensações, palavras que foram traçadas de acordo com as emoções do remetente. Tateando a folha em que foram escritas, podemos desvendar características daquele que as escreveu, tais como classe social ou escolaridade. Através dos assuntos tratados, podemos conhecer intenções e estratégias utilizadas para persuadir o interlocutor. De maneira tal que por conta dessas riquezas contidas no âmago de uma correspondência, assistimos, então, a um interesse renovado pelo gênero epistolar.

Em plena era digital, um leitor distante do universo imediatamente posterior à Segunda Grande Guerra pode talvez estranhar a ativa troca de cartas entre Simone de Beauvoir e Nelson Algren. Entretanto, para manter a chama do amor acesa e o interesse vivo entre o casal, a autora buscou estratégias que a ajudassem a estreitar, ainda mais, os laços afetivos. Para tanto, recorreu a uma grande paixão para ambos os amantes: a escrita.

A correspondência endereçada a Algren, escrita no intuito de criar uma intimidade através das palavras, substituía a conversa presencial e, muitas vezes, também o toque, a carícia, o que ajudava a amenizar a angústia provocada pela distância. De modo que, para que a troca fosse frutífera, Beauvoir estimulava, com frequência, a contrapartida de seu interlocutor. Então, recorreu a estratégias variadas de elaboração estética, como vimos no decorrer da pesquisa.

As cartas, contudo, não são centradas apenas na sentimentalidade da autora. Elas se projetam para um mais além do egocentrismo desmedido, já que também contam

para Algren o que há de mais interessante no universo cultural da França daqueles tempos, os embates políticos, o crescimento do Existencialismo, o que Beauvoir via do mundo e a maneira como o sentia.

Em suas andanças pelo mundo, Beauvoir pôde ver bem de perto a reconstrução da Europa ainda esfacelada pelas consequências da Segunda Guerra, presenciou com um olhar tão atento, quanto crítico, a reorganização da Alemanha, a pobreza extrema na Espanha, os esforços da França para mostrar ao mundo sua produção cultural.

Nas Américas, junto com Sartre, visitou Cuba e o Brasil, onde foram recepcionados pelo casal Jorge Amado e Zélia Gattai. Os escritores baianos conduziram os franceses por um universo desconhecido para eles. De modo que as cartas escritas para Algren do Brasil detalham a força da religiosidade afrodescendente, as comidas, a hospitalidade deveras fraterna, a complexidade das favelas cariocas, chamadas pela autora de “grandes aldeias”, a aridez de Brasília, o acentuado machismo da região norte e as aventuras amorosas de Sartre, narradas com grande humor. Tal viagem, em particular, rendeu, pois, uma série de longas missivas, predominantemente descritivas, que deixam transparecer todo o encantamento da autora pela cultura brasileira.

Além de descrever o que via e sentia, Beauvoir também se revela como alguém capaz de baralhar os planos de sua experiência individual (de falar da infância, do desejo de autonomia desde muito jovem, da sua parceria intelectual com Sartre) com as preocupações com a coletividade. Essas reconstruções da memória mantêm com o passado uma relação tanto extremamente afetiva, quanto militante.

A presença do passado no presente pode ser, assim, considerada como um elemento essencial na revelação de Beauvoir para seu interlocutor, já que a autora é movida por uma necessidade existencial de se deixar conhecer. Ela também se mostra consciente dos sentimentos que a perturbam, dos devires que a move, das memórias que a compõem e até das memórias que ela mesma cria. Todavia, ao mesmo tempo em que tem a necessidade de se afirmar perante o outro, Beauvoir desconstrói a ideia de uma identidade fixada em um modelo único. Subverte, assim, a imagem, cristalizada pela opinião pública, de uma intelectual rígida, totalmente racional.

Com efeito, a capacidade da autora de se recriar em palavras não se limita à postura de se manter sempre a mesma, porque se revela extremamente disposta à transcendência de si, à mudança. A expressão “Simone epistolar” é usada pela própria autora em carta escrita de Brasília em 23 de setembro de 1960, o que demonstra que sua

aguda consciência acerca da própria multiplicidade. Entre as variadas facetas de Beauvoir se encontra, portanto, aquela que escreve as cartas para Algren.

No decorrer da pesquisa, à luz de autores como Nietzsche, Deleuze, Barthes e outros que foram convidados a atuar no meu texto, pude compreender que o hiato entre o pensamento de Beauvoir, defendido publicamente, e o discurso da “Simone epistolar” não necessariamente traduzia uma contradição. Dessa forma, não seria conveniente considerar a multiplicidade da autora como sinal de fraqueza, mas sim como o anúncio de uma singularidade em potência criadora que não se envergonhava da própria sentimentalidade, assumida perante o outro.

Pude compreender, então, que a personalidade da mulher firme e incansável na defesa de suas ideias, apelidada de Castor por conta de seu vigor ao trabalhar, não precisaria necessariamente desaparecer para que a Beauvoir romântica, passiva, passional e sedutora pudesse submergir. Assim, a ideia da aparente contradição se desfez, porque passei a enxergá-la também como estratégia de convencimento do outro, permeada por momentos em que a autora se revela extremamente irônica.

Pude também compreender, na leitura sequenciada das cartas, que a dependência do amado, sugerida em algumas missivas altamente passionais, não se revelou de fato. Beauvoir não abandonou os rumos da própria vida para ficar ao lado de Algren e manteve, até o fim, o pacto firmado com Sartre. É importante notar que a autora deixou de lado, muitas vezes, seus interesses pessoais para resguardar sua parceria com Sartre, se colocando firmemente ao lado dele, influenciando suas ideias e também sendo influenciada por elas, o que refletiu na literatura de ambos. De maneira tal que um foi importante para o outro não apenas na troca intelectual ou afetiva, mas também nas bandeiras políticas que empunhavam.

As cartas são capazes de contar uma História, importante para a organização do mundo no pós guerra, da qual Beauvoir era também protagonista. Sua entrada na cena histórica não pode ser separada das opções corajosas que fez tanto na vida pessoal, quanto na vida política. Beauvoir, pois, ajudou a tirar do silêncio questões relevantes para a discussão de uma sociedade igualitária e isso também pode ser visto na correspondência.

Em 1960, quando a autora viaja para o Brasil, Algren fica morando no apartamento dela em Paris, de meados de fevereiro até o fim de março. Porém, ele permanece na França até setembro do mesmo ano, de acordo com as informações de Sylvie Le Bon de Beauvoir. Essa foi a última vez que o casal de amantes teve a

oportunidade de se encontrar pessoalmente. Entretanto, em carta remetida em fevereiro de 1962, Beauvoir declara que gostaria de se despedir de Chicago antes de morrer. Essa vontade, infelizmente, não foi concretizada.

O legado desse romance intercontinental está registrado nas cartas aqui analisadas. E, dessa forma, o leitor pode se aproximar um pouco desse amor tão forte que perdurou por muitos anos e foi capaz de provocar tantas reflexões em Simone de Beauvoir nos mostrar mais facetas dessa grande.

## BIBLIOGRAFIA

ABDALLA JÚNIOR, Benjamin. **Fronteiras Múltiplas e Hibridismo Cultural: Novas Perspectivas Ibero-Afro-Americanas**”. In: ABDALLA JÚNIOR, Benjamin. *De voos e ilhas – literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F. Alves, 2001.

BATAILLE, George. **O Erotismo**. Porto Alegre: LP&M, 1987.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 1960.

\_\_\_\_\_. **Os Mandarins**. São Paulo: Editora Abril, 1974.

\_\_\_\_\_. **A Força da Idade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Força das Coisas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Mulher Independente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

\_\_\_\_\_. **A Cerimônia do Adeus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CANCLINI, Néstor García Canclini. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CANDIDO, Antonio. “A personagem do romance.” In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CHARTIER, Roger (org). **História da vida privada III: da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COLETTE, Jacques. **Existencialismo**. Porto Alegre: LP&M, 2009.

**Darandina Revista eletrônica**– Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFJF – volume 5 – número 2 - Diários e correspondências: História e Poética, Talles de Paula Silva.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed.34, 1997.

\_\_\_\_\_ e GUATTARRI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao Espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. São Paulo: Alfa-Ômega, 2000.

FRAIN, Irène. **Beauvoir Apaixonada**. Rio de Janeiro: Verus Editora, 2013.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Battella. **Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LARRAURI, Maite. **A Liberdade Segundo Hannah Arendt**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Desejo Segundo Gilles Deleuze**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

LEIRIS, Michel. **A Idade Viril**. Precedido por Da Literatura como Tauromaquia. Trad. Paulo Neves. São Paulo. Cosac e Naif, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**. Organização e tradução Jovita Maria Gerhein Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_, VILAIN, Philippe. **Eu contra Eu** in: Vilain, Philippe. **L'Autofiction em Théorie**. Paris: Lés Éditions de La Transparence, 2009, p. 105-118.

MONTEIRO, André. Diálogo Crítico com André Monteiro: Da estética dos saberes in PEREIRA, Maria Luíza Scher, **A jangada e o elefante, e outros ensaios: exercícios de crítica literária**. Juiz de Fora: UFJF, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Segunda Consideração Intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

\_\_\_\_\_. **Além do Bem e do Mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. São Paulo: Lafonte, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Vontade de Potência**. São Paulo: Lafonte, 2012.

PERROT, Michelle. (org.) **História da Vida Privada IV**: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PROST, Antoine, VINCENT, Gérard (org.). **História da vida privada V**: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROLNIK, Suely. Pensamento, Corpo e Devir: uma perspectiva ético/estático/política no trabalho acadêmico in **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: Dossiê: linguagem, 1993.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Representações do Intelectual: As Conferências Reich de 1993**. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. **Ora (direis) puxar conversa!** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. **Cartas de Simone de Beauvoir a Jean-Paul Sartre e a Nelson Algren: amor necessário e amor contingente** in *Sapere Aude*, Belo Horizonte: v. 2, n. 4, p. 76-88. 2º semestre 2011

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o nada** – Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: LP&M, 2008.

SIMONET-TENANT. Françoise. **Journal personnel et correspondance (1785-1939) ou les affinité sélectives**. Paris: Academia-Bruylant, 2009.

**Teresa Revista de Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora USP, 2008.

TIN, Emerson (org.) **Para Sempre: 50 cartas de amor de todos os tempos**. São Paulo: Globo, 2009.